

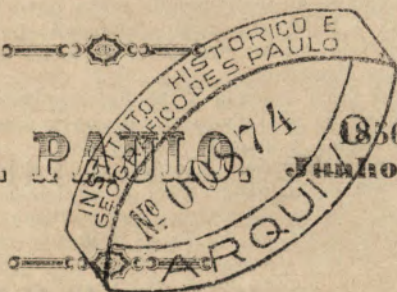
# CUAYANA.

N.º 5.  
1.ª Serie.

S. PAULO,

1856.

Junho 30.



## Historia Patria.

### CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA.

(1824)

« Toda Constituição, disse o Sr. Cousin, não é mais do que um resumo historico; ella é sempre o reconhecimento de todos os elementos essenciaes de uma epocha. »

A nossa Constituição pois não pôde ter escapado á essa lei, e como todas as outras tem a natureza de um resumo historico: elaborada sob a impressão das idéas de uma epocha—, ella reflecte o espirito de seu tempo; é a consagração do pensar de então, e deixou-se poderosamente influenciar pelos acontecimentos e circumstancias, de que até foi ella uma consequencia indeclinavel. A Constituição Brasileira de 1824 tem pois uma historia, que a explica, e lança um clarão luminoso em todas as suas phases. Estudemo-la sob esse ponto de vista.

O acontecimento de 7 de Setembro de 1822 havia posto o sello á Independencia do Brasil, elevando-o á cathegoria de Nação livre. O passado estava quebrado e rôto: mas tudo restava ainda por fazer; a primeira necessidade de um povo, que se constitue, é a creação do Pacto Social, que—consagrando os direitos da nova Sociedade—a regule devidamente para salvar-a dos perigos e horrores da anarchia.

Foi o que nos aconteceu: conseguida a Independencia, os seus grandes motores tratarão de constituir e organisar o Paiz. O Decreto de 3 de Junho de 1822 convocou uma Assemblêa Constituinte para o Brazil, e a 3 de Maio de 1823 abriu-se ella no meio da alegria de um povo, que na sua inauguração saudava o despontar de um risonho futuro doirado com as cores da liberdade: de seu seio devia sair a ordem e a consolidação da nova Sociedade.

Sob esses felizes auspicios começou ella o desempenho de sua tarefa; não poucas illustrações brilhavão em seu gremio: os nomes de José Bonifacio, Martim Francisco, Paula Sousa, Feijó, Antonio Carlos, Vergueiro, Silva Lisboa, Carneiro de Campos (J. J.), Araujo Lima e outros, são disso testemunho irrecusavel. Como mandataria de um povo, que acabava de quebrar os ferros do despotismo, e que conservava ainda ardente o nobre entusiasmo da liberdade—ella tinha uma elevada missão á cumprir: a opinião publica e as esperanças do Paiz estavam voltadas para ella.

Esse primeiro ensaio de nossa vida politica, digamo-lo em homenagem á justiça e a verdade historica, não foi sem gloria; legitimamente compenetrada de sua alta tarefa—ella correspondeo plenamente á confiança publica—desempenhando com honra sua missão. A' 30 de Agosto de 1823 são apresentadas á Assembléa as premissas de nossa liberdade: era o projecto de Constituição para o Imperio do Brasil—elaborado pela respectiva Commissão, em cujo seio se vião brilhar os nomes de duas reputações historicas—Antonio Carlos e José Bonifacio.

De posse desse trabalho a Assembléa proseguia com ardor e assiduidade no desempenho de seus deveres: a discussão dos artigos constitucionaes progredia com calma e proveito para o Paiz, e um brilhante futuro parecia aguardar o novo Imperio. A ordem surgia do cahos, e a nação via possuida de jubilo o sol da liberdade erguer-se no horizonte da Patria.

Derrepente toda essa risonha perspectiva se troca pelo alarma: o Congresso dos representantes da Nação é cercado com força armada, e são violentamente atirados ao desterro e votados ao ostracismo os seus mais conspícuos membros, alguns dos quaes retiravão-se á pouco dos Conselhos da Corôa. *Do Capitolio á Rocha Tarpea não ha senão um passo!* (\*) Palavra sublime, que devia realisar-se no Brasil com tamanho desastre para a causa publica e tão grande dor para os sinceros amantes do Paiz!

O que se fez para que assim se desenvolvesse de subito o apparatus atterrador da força, e se lançasse por terra a primeira e mais gloriosa conquista do 7 de Setembro?—Vejanos.

O Brazil acabava de constituir-se independente: o santo entusiasmo da nacionalidade refervia ardente no peito de seus filhos. O recente triumpho obtido sobre a causa do despotismo communicava ao espirito nacional uma força e vigor, que se elevava até o entusiasmo vivificante do patriotismo: o escravo, que acabava de conquistar sua liberdade, não podia com olhos benignos encarar o antigo dominador, que o opprimira, e menos tolerar, que elle se arrogasse pretendida superioridade.

O Portuguez entretanto continuou á gozar de confiança nos publicos negocios e a ser admittido nos primeiros cargos do Paiz: a tropa portugueza, que havia na Bahia sido aprisionada com as armas nas mãos contra a Independencia foi encorporada ao exercito Brasileiro: o pessoal da nova administração foi para logo preenchido quasi só por Portuguezes, cuja sinceridade pela causa do Brasil podia ser posta em duvida: no acto que praticarão de abraçar a separação de Portugal, o interesse teve muita parte. A influencia do filho da Metropole continuou como dantes á predominar, porque, senhor de commercio, e das grandes riquezas accumuladas—elle dispunha de um vasto poder, que aniquilava a influencia do Brasileiro; e a presenca no throno de um Monarcha nascido da outra banda do Atlantico dava á degenerados Portuguezes frivolo motivo para se olharem como superiores aos Brasileiros.

A Nação julgou-se ferida em seu orgulho e dignidade: e nenhum povo tolera impune a offensa de sua nacionalidade; o Brasil revoltou-se contra tão insultante violação de seus direitos e soberania, e para logo diviões se desenhão entre os filhos do novo Imperio e os do velho Portugal. Uma triste occurrencia trouxe os animos á uma crise: um Brasileiro é espancado por dous Officiaes Portuguezes: é a faisea fatal chegada ao combustivel: vigilante como o paladio das liberdades publicas—a Assembléa Constituinte faz ecoar no recinto dos Legisladores as protestações do patriotismo, e a punição dos delinquentes é pedida em altas vozes.

Da bôca de Antonio Carlos e Martim Francisco manão palavras incendiadas de patriotismo, que vem despertar a Nação do somno, que dormia já embalada nas illuzões da liberdade.

« Como, Sr. Presidente (bradava o Patriarcha do partido liberal justamente arrebatado da mais patriótica indignação) lê-se nm ultraje feito ao nome Brasileiro.... e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do Ajuntamento dos Representantes Nacionaes?..... Morno silencio da morte filho da coacção pã as linguas; ou o sorriso, ainda mais criminoso, da indifferença salpica os semblantes!!! E somos nós Represen-

(\*) *Mirabeau.*

lantes?..... Não; não somos nada, se estúpidos vemos, sem os remediar, os ultrages, que fazem ao nobre povo do Brasil—estrangeiros, que adoptamos Nacionaes, e que assalariamos para nos cobrirem de baldões!..... Ao menos eu trabalharei, em quanto tiver vida por corresponder á confiança, que em mim pôz o brioso povo Brasileiro. Poderei ser assassinado; não é novo, que os deffensores do povo sejão victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará *vingança*, e eu passarei á posteridade como o vingador da causa do Brasil!..... »

« Dar-se-ha caso (proseguia não menos indignado seu Irmão Martim Francisco), que submergidos na escuridão das trevas tememos encarar a luz? Que amamentados com o leite impuro do despotismo amamos ainda seus ferros e suas cadeias? Ou que vergados sob o peso de novas oppressões—emmudecemos de susto, e não sabemos deitar mão da trombeta da verdade, e com ella bradar aos povos: « *sois trahidos!*?..... Grande Deos! E' crime amar o Brasil, ser nelle nascido, e pugnar pela sua independencia e pelas suas Leis! Ainda vivem, ainda supportamos em nosso seio semelhantes feras!! » (\*)

Essas palavras, que traduzem a justa indignação do Paiz, achão echo no coração dos Brasileiros, e são recebidas com religioso enthusiasmo: o poder treme diante d'essas manifestações da opinião publica: o Imperador receia que o golpe lhe seja dirigido, e sente-se vacillar em seu throno. Seus olhos consternados encherão sediciosos tramas e conspirações em toda a parte; o phantasma da revolução persegue incessantemente sua imaginação trabalhada pelo medo, e o governo se debate em dolorosas apprehensões pela sua sorte e pela sua vida.

Baldo de intelligencia e capacidade bastante para contrabalancar a influencia dos Andradas, o governo concebe o sinistro plano de aniquillar a Assembléa; appella para a força armada, e assignala com violencias o primeiro periodo de nossa vida politica: organisa-se um Ministerio de transição para esse golpe tremendo; era a missão do Algez; elle a aceitou de bom grado, e á 12 de Novembro de 1823 a Constituinte é dissolvida.

Ahi está felizmente a Historia com sua austera imparcialidade para moralisar devidamente este facto: ahi está o Projecto de Constituição feito pela Constituinte, que apenas diverge da que hoje nos rege no methodo e na forma; e se a Assembléa foi perjura, se quiz destruir nossa santa Religião e tingir nossas vestes em sangue, como o Imperador o disse no Decreto de 12 e na Proclamação de 13 de Novembro, para que se sancionou depois sua obra—offerecendo-se á Nação essa mesma Constituição, que ella elaborára? Para que tanto luxo de arbitrio?

Estamos convencidos, e chamamos a historia em nosso apoio, que a dissolução da Constituinte no Brazil foi um passo precipitado, um acto imprudente, filho da impericia politica do governo. Inexperiente na marcha dos publicos negocios, elle não encontrava em sua intelligencia recursos para manter-se em frente da vigorosa e esclarecida opposição de então. Essa opposição contava em seu seio justamente os primeiros homens do Paiz, os unicos Estadistas talvez, que pudessem com successo dirigir a politica e a marcha do novo Imperio: crão os Patriotas, que acabavão de cingir suas frentes com os louros da Independencia, e que cobertos de glorias se havião tornado os idolos do povo. Patriarchas e martyres de nossa emancipação politica, elles não podião contemplar mudos e indifferentes o espectáculo melancolico, que se desenrolava ante seus olhos: elles vião com dôr o despedaçamento de sua grande obra, e seu patriotismo não lhes dava tolerar, que se lançassem por terra as conquistas gloriosas de seus heroicos feitos:

Em nome da Nação e de suas crenças a opposição ergueo-se com energia dignidade para protestar contra o governo: o poder tremeo por sua existencia, e teve o instincto da conservação. Dever-se-hia porem antepôr o Gabinete á Constituinte e aniquillar a esta para conservar a aquelle?

Lamentamos profundamente a dissolução da Constituinte, porque afastou do paiz e da gerencia dos publicos negocios os unicos homens, que tinhamos, aptos para darem-lhe a conveniente e acertada direcção: nos primeiros dias de nossa vida de Nação livre, na infancia de nossa existencia politica, nos não

(\*) *Veja. Diario da Constituinte—tom. 2.º, pag. 392.*

contavamos muitos desses talentos para os desprezarmos e deixarmos de aproveitar os poucos, que nos dá a Providencia: entretanto o despotismo os proscreveo para enthronisar no Paiz o imperio da mediocridade, e lançar-nos nessa vida inglória e vegetativa, que dura até hoje e faz a nossa desgraça!

O Imperador triumphára, porque a força era por elle: o emprego da violencia porem era impotente para avassallar o coração dos povos, e a acção das baionetas e do canhão não pôde alcançar o espirito da Nação, e sujeital-o ao arbitrio do poder. E' o nobre apanagio do imaterial ser inacessivel aos golpes da força bruta e não poder ser apprehendido nem mutilado pela materia. Despertada por esse acontecimento subito e extraordinario—a opinião publica ergue-se de seu berço de infancia, e vêm protestar contra esse acto da violencia.

Os espiritos pensadores comprehenderão logo, que d'ahi á dictadura havia apenas um passo. A contra-revolução está feita (pensarão elles), que é feito do Paiz, das liberdades nacionaes, se a primeira e mais fecunda conquista de nossa revolução, que nos augurava um futuro feliz e glorioso é assim quebrada e esmagada sob a acha do poder? Qual a garantia, que nos pôde salvar, se a ambição lhe inspirar o plano sinistro de impôr-nos o jugo do captivo?—Elle está com o alfange nas mãos: acaba de maneja-lo contra nossas cabeças; quem nos diz, que elle parará em sua obra de destruição, e que amanhã nos não virá exterminar a todos?

Taes erão os justos e fundados receios da Nação succumbida e desarmada diante da força concentrada toda no Imperador: os hymnos de jubilo, que succederão aos dias gloriosos da Independencia se trocáo em consternação e murmurio. Pedro 1.<sup>o</sup> o sentio opportunamente, e concebe serias apprehensões, que esses murmurios se engrossem até rebellião aberta, como chegou á verificar-se em Pernambuco. Temendo as naturaes consequencias da violencia, que praticára, elle apressa-se em apparecer perante a Nação para justificar-se, e atira á face do paiz essa Proclamação de 13, e Manifesto de 16 de Novembro, em que a realza despio o seu caracter, e abdicou o prestigio, que a deve revestir, para tornar odiosos e antipaticos os delegados do povo.

O enthusiasmo da liberdade porem não estava ainda arrefecido no coração dos Brasileiros: a religião do patriotismo, nascida nos dias da Independencia, e vigorada nas luctas, que se seguirão, ardia ainda em seus peitos: a Nação estava divorciada com o poder, e a desconfiança continuava á lavrar nos espiritos; o governo sentio a posição precaria, em que se achava, e reconheceu, que era preciso ganhar a confiança do povo, e reabilitar-se no espirito publico.

O instincto mesmo de sua conservação lhe impunha essa linha de conducta, e a necessidade imperiosa e urgente das circumstancias exigia um sacrificio. Impellido por esses poderosos motivos—o governo veio perante a Nação reabilitar a Constituinte—jurando e sancionando essa mesma Constituição, que fizeram os mandatarios da Nação. O dia 25 de Março de 1824 importava um arrendimento e retractação do facto de 12 de Novembro.

Infelizmente para a realza no Brazil, ella não pôde revendar essa gloria como sua: a outorga da Constituição, longe de ser um effeito de sincero amor da felicidade dos povos, foi um sacrificio doloroso imposto pelo instincto de conservação e arrancado pela força da necessidade.

Havendo alienado o espirito publico com o acto da violencia, o poder reconheceu, que lhe era forçoso tranzigir com a situação e conciliar-se com a Nação: o juramento da Constituição foi o bill de indemnidade, que elle buscou para reabilitar-se, e chamar á si o apoio Nacional:—a sinceridade porem franca e leal, que elle affectava, não tardou em ser desmentida com o andar dos tempos.

Outorgando a Constituição—o poder guardava consigo o designio oculto de balda-la mais tarde, quando mais serenos os tempos lhe proporcionassem occasião asada para o realisar: a marcha subsequente da administração veio revelá-lo.

Estudae a historia do primeiro reinado: investigae seu espirito caracteristico, e em todos os seus actos só encontrareis uma nunca interrompida contrariedade, uma reacção constante contra a Constituição jurada, e repetidas tentativas de aniquila-la. As disposições da lei fundamental forão logo desconhecidas, e firmou-se no Paiz o imperio do arbitrio: suspenderão-se ga-

rantias em plena paz; crearão-se commissões militares para punição de crimes politicos; a imprensa livre foi anniquilada; prescindio-se da authoridade do poder Legislativo—mesmo em cousas de sua exclusiva competencia; adoptarão-se ostensivamente tendencias Portuguezas á despeito dos Brasileiros, e o poder chegou á destacar-se do povo completamente, instituindo-se um Gabinete privado e secreto, que enthronisava a omnipotencia do Portuguez, e o proprio Monarcha na proclamação de 22 de Fevereiro de 1831 firmou com seu punho a profissão de principios, que ão de encontro á letra da Constituição—atacando-a directamente: sobre os restos enfim dessa malfadada lei—mutilada todos os dias pelo poder—assentou-se o monstruoso edificio da dictatura e do arbitrio.—Entretanto durante quasi todo o periodo do primeiro reinado, os homens, que se acharão na direcção suprema do Estado, forão, com excepção de um ou outro, tirados todos do circulo dos Conselheiros d'Estado, Redactores da Constituição,—chamado então por esse motivo o *circulo vicioso*.

Esses factos, que dispensão reflexões, dão irrecusavel prova, que na iniciativa tomada pelo poder sobre o juramento da Constituição, elle buscava um outro fim, que não as vantagens e os beneficios da observancia leal de uma lei liberal e garantidora, de que até nem elle tinha convicção: a sinceridade não foi o motivo determinativo desse acto.

Antecipamos os acontecimentos para provar nossa asserção: um facto qualquer não pode ser devidamente apreciado e exactamente explicado—sem o estudo e comparação das consequencias, que a historia se encarrega de tirar de seu seio: os factos posteriores são da mais alta importancia para aclarar e moralisar os anteriores.

A Constituição Brasileira pois simbolisa um facto historico: é um dos mais bellos e significativos periodos da lucta constante da authoridade com o povo; ella nasceu em uma epocha excepcional, em que causas poderosas concorrerão para que nella se infiltrasse o elemento liberal e democratico, em um tempo—em que o povo animado ainda com o ardente entusiasmo de seu recente triumpho e gloriosa libertação, teria talvez esmagado e pulverisado aquelle, que se atrevesse a illudir seus votos, ou a tentar lançar-lhe cadeias aos pulsos. Ninguem se arriscaria á faz-lo e é por isso—que á despeito das tendencias de todo poder para alargar o mais possivel a esphera de sua acção, essa lei consagrou principios tão liberaes, e deixou ao povo tão amplo quinhão de direitos e garantias, ao passo—que cerceou com tanto rigor as attribuições da authoridade.

Era o abraço do poder ao povo, mas abraço—que tinha por fim aquietalo—para feril-o mais tarde com maior segurança e successo; o dia 25 de Março de 1824 foi uma transacção com as circumstancias, mas que devia cessar, logo que estas desaparecessem, e chegasse o dia feliz da realisação do designio meditado.

Mercê de Deos! esse dia não chegou, e a bandeira liberal, em que se inscreve a Constituição Brasileira de 1824—tremula ainda sobre nossas cabeças! São Paulo 1.º de Junho de 1856.

H. M.



## Apontamentos sobre a pena de morte.

(Conclusão.)

### II. A PENA DE MORTE É DESNECESSARIA.

E' um pessimo argumento dizer-se que a pena de morte é util e necessaria como *exemplo*. Primeiramente a sociedade não tem o direito de infligir uma pena por que o homem, como já dissetmos, não é *meio* para a sociedade marchar desaffrontada pelo caminho da ordem e do direito; é *fim* de si mesmo

ARGENTINA  
N.º 00874

e portanto a theoria do exemplo em ultima analyse avilta a dignidade humana, o que ha de sagrado na personalidade e o que ha de inviolavel na intelligencia. Em segundo lugar é um engano suppôr-se que o criminoso, mesmo no instante de delinquir veja o carrasco por detraz da victima, como disse La Gueroniere. Os factos e o raciocinio condemnão esta theoria do exemplo. O espectáculo do cadafalso habitua á vista do sangue, desmoralisa a sensibilidade do povo e em vez de elevar a alma humana á religião, a degrada até o atheismo. «O sangue pede sangue, diz Lamartine, o exemplo perverte mais do que intimida.» E é assim. Na Inglaterra, enquanto o carrasco afoga entre suas mãos aquelle que a lei condemnou á morte pelo crime de furto, os ladrões saqueão as algibeiras da multidão que se apinha á roda do patibulo! E' um grande exemplo a pena de morte. Ainda ha um outro facto e mais expressivo: a 6 de março de 1832 foi justicado em Paris Luiz Camus por incendiario: era o ultimo dia do carnaval; acabada a execução, um bando de mascaras foi dansar mesmo debaixo do cadafalso sobre o sangue ainda fumegante da victima! Por certo que o espectáculo hediondo do supplicio, nem commove os circumstantes, nem detém o braço do assassino. Em quasi todos os paizes, principalmente nos mais civilizados (que irrisão!) o dia da execução é um dia de festa, onde se apparece com o sorriso nos labios, o corpo coberto de galas e o coração forrado de aço. Levingston diz: «Ha cinco ou seis mil annos que se applica a pena de morte, modificada pelo genio da crueldade de todos os povos e nenhuma diminuição se tem operado nos crimes e apesar d'isso conserva-se uma pena, muitas vezes fatal á innocencia, frequentemente favoravel aos criminosos e sempre impotente para a repressão dos crimes.» E' pois a logica dos factos, reproduzidos em todas as épochas e em todos os paizes, que demonstra a inefficacia d'esta pena para a repressão dos delictos.

A brandura até tem aproveitado mais do que a severidade. Na Belgica não houve uma só execução de 1830 a 1835 e apesar d'isso, como demonstrou na Camara dos Representantes o Sr. Davaux, esse facto não influio no augmento dos crimes capitaes. Na Inglaterra em 1840 Sir Ewart pedindo na Camara dos Communs a abolição da pena de morte, provou com dados estatisticos que desde 1833 até 1837 tinham diminuido sensivelmente aquelles crimes que antes de 1833 crão punidos com as penas de morte. E' pois claro que neste caso a brandura aproveitou mais do que o rigor, e que a pena de morte como exemplo nada aproveita. Na Inglaterra os crimes contra a propriedade crão punidos de morte, depois que se aboliu esta pena para os crimes d'esta ordem tem diminuido sensivelmente os roubos.

Felizmente as idéas vão se esclarecendo a este respeito e tem entrado em muitos espiritos a convicção de que a barreira dos crimes não está na intimidação. Quem attentar no progresso das luzes, conceberá esta verdade. Quando pedimos informações ao passado, elle nos mostra a pena de morte applicada aos crimes mais insignificantes e applicada de um modo barbaro, consumindo lentamente o paciente pelo martyrio; porem ao passo que as gerações se succedem, e as idéas se esclarecem e caminão para a perfeição, a verdade vai abrindo brechas profundas nas muralhas dos prejuizos e da ignorancia, e fazendo aceitar os principios proclamados pela philosophia e pelo christianismo, e por isso de todas as legislações vai desaparecendo gradualmente a pena de morte, de sorte que hoje não só os casos que reclamão a sua applicação são muito menos, como tambem o modo da execução tem se tornado mais simples, mais rapido e por isso mesmo mais humano; devem pois os amigos da humanidade e da justiça alimentar a bem fundada e lisongeira esperanza de sua total abolição, sobretudo quando vemos que esta crença tem homens de genio por apóstolos, que combatem com coragem a pena de morte, e quando já muitas nações a tem inteiramente riscado de seus codigos, ou caminão para conseguir esse desideratum. A França, que pouco antes da grande revolução contava cinco penas capitaes, o fogo, a roda, a forca, o machado e o esquartelamento, pediu em 1791 a sua abolição; em 1830 acolheu unanimemente uma proposição n'este sentido, e em 1848 conseguiu abolil-a definitivamente para os crimes politicos. A Alemanha a riscou de sua legislação na constituinte de Francfort em 1848; Roma abolio-a em 1849; «a Toscana que é catholica, abolio-a; a Russia que é barbara, abolio-a; Oayty que é selvagem, abolio-a—parece até que as terras a repellem!» como diz V. Hugo em sua linguagem de fogo. Blackstone, que não é suspeito porque defende a pena de mor-

te, diz que a ordem foi melhor mantida durante os reinados de Izabel e Catharina II do que durante o governo de seus predecessores e no entanto durante o reinado d'estas duas soberanas não se fez uma só execução e até Catharina deu ordem para que fosse abolida a pena de morte em toda a extensão de seu imperio.

As leis vão se refundindo no cadinho das novas verdades accumuladas pelo trabalho das gerações e por ultimo os conductores obstinados da sociedade se convencerão de que o systema do terror não é o mais efficaç para reprimir as tendências do vicio para o crime: convencer-se-hão de que melhor meio de punil-o, está na moralisação do povo, em uma educação desvelada e em um governo honesto, intelligente e nacional, que procura acoroçoar o desenvolvimento da industria e do trabalho productivo, applicando antes o espirito do povo em empresas proveitosas, em vez de ter carrascos assalariados e de multiplicar as execuções sanguinolentas, que, não destruindo as fontes da miseria, nem a ma indole das classes baixas provenientes da ignorancia e do abandono, não podem diminuir os crimes que se reproduzirão constantemente enquanto persistirão suas raizes entranhadas no solo da sociedade. « A estatistica, diz Lamartine, demonstra, que os crimes diminuem em razão da educação e dos meios de existencia das populações e que a sobriedade das penas tempera a ferocidade do crime. »

Assim o raciocinio e a logica protestão, bem como os factos, contra a utilidade da pena de morte.

Ha uma cousa que intimida mais do que o spectaculo do cadafalso, do sangue, do cutello e do carrasco: é a religião que brada á consciencia humana, pela voz do Evangelho, que ha uma eterna condemnação para o malvado; é a religião que lhe lembra seus dogmas sagrados, suas promessas e suas ameaças. Para o homem que não tem religião, ha o verdict da opinião publica que o cobre de vergonha, que o tortura com a sua reprovação e que o persegue mesmo absolvido com o pezo do seu desprezo. Para o homem que desdenha a opinião publica, ha a lei penal que manda a justiça perseguir o criminoso, ha o vexame de um processo, a publicação de seus crimes por um accusador, a decisão do jury, a sentença do juiz e os horrores do calabouço.

A reclusão perpetua tambem intimida e mais, muitas vezes, do que a morte, que alguns criminosos tem procurado para se livrarem do carcere; ella não é tão immoral e sanguinaria como a pena de morte e prende tão bem o criminoso com suas muralhas e com suas grades, como a pena de morte com seu patibulo e seus tumulos.

Demais, o criminoso delinque movido pela paixão ou pelo interesse; se é pela paixão, elle cega-se, não reflecte, nem mede os resultados de seu crime; não calcula os soffrimentos da pena e por isso a intimidación n'este caso não obra sobre elle. Se é pelo interesse, tem elle tanto sangue frio para pensar na enormidade da pena de morte como no horror da prisão perpetua porque aquella é uma só agonia, e esta é uma agonia por cada hora que se vive.

Para prevenir os crimes vale menos a intimidación do que a educação do povo. O que impelle um individuo para o crime é a sua ignorancia, a sua miseria ou a sua paixão; portanto previna-se o crime cortando o mal pela raiz, e destrua-se as suas causas applicando remedios efficaçes, applicando a instrucção contra a ignorancia; o trabalho contra a miseria e contra a paixão o balsemo purificador da mansidão evangelica.

Para prevenir é o que basta e para punir-se ha o trabalho obrigatorio, a privação da liberdade, o remorso como meios de soffrimento, e o ensino, o isolamento, e a reflexão como meios de reforma.

Com isto a sociedade aproveita porque é respeitada no seu direito imprescriptivel de conservação, e o criminoso que pelo arrependimento, pode se dizer que torna-se innocente. « Quando a sociedade, mata a um criminoso que se arrepende, ella assassina a um innocente. » Diz Lamennais.

A pena de morte não tem pois justificação perante a moral porque é sanguinaria, perante a religião porque traz o atheismo, perante o direito porque sanciona a injustiça, perante a humanidade porque é cruel, perante a ordem publica porque é inefficaç, perante a consciencia humana porque é irreparavel e finalmente perante Deos porque auquila a sua obra.

*Felix da Cunha.*

## Murmurios.

*O abuso da imprensa  
tem o seu correctivo  
na mesma imprensa.*

B. P. DE VASCONCELLOS.

Meu caro Cortines. — Convidas-me a que escreva para o *Guayaná*! O que posso eu fazer, que valha para tamanho destino? Nada pode o minimo dessa geração intelligente, já ennobrecida por tantos louros colhidos nas lides affadigas da sciencia, nas improbas vigílias do trabalho, nesse lutar porfioso com a mediocridade para emmudecer-lhe os latidos,—e que olhos fitos em Deus e na Patria, vai em demanda do ramo d'ouro da sabedoria e se apresta para o serviço de sua Nação, que tudo espera da nova geração a qual não poupa fadigas e esforços para bem cumprir com o seu dever, para não illudir-lhe a expectativa. Nada posso, meu amigo; porem já que comigo instas, tem paciencia, e resigna-te ás consequencias da tua instancia.

Triste e desolador é o espectáculo do nosso existir de hoje! A corrupção tem invadido todas as classes—lavra como lepra, e circula o seu veneno nas veias do corpo do nosso Paiz. São expressões essas, que mesmo á força de serem a todo instante proferidas por aquelles, que não tem *metalisadas* as consciencias, nada perdem em sua força e seu prestigio, porque dizem a verdade.

O que vemos em quasi todas as associações em o nosso Paiz, ao menos em grande parte dos seus membros? Inveginhas pequenas, rivalidades miseraveis—bem longe de haver a emulação fecunda em resultados tão felizes—a emulação, que é a alma do progresso e que é um impulso para o bem, para o grande e para o bello. Um, mal servindo uma sociedade respeitavel, abusando da posição que o seu titulo de socio lhe confere,—espumoso esbraveja, e lá vomita a atrabilis, que lhe extravaza do peito sobre os seus companheiros de estudos! Procura ridicularisar com um rir parvo, com um escarneo pueril aquelles, que lhe estão sobranceiros, crendo-se autorisado para isso, porque .....

..... Um outro em vez de apual-o como merecia, applaude o energume no que, não contente com o investir sobre seus collegas, leva seu arrojio a acometter Lamartine, Dumas, Kock e muitos outros desses homens—épochas que, representando a phisionomia de uma idade se hão de salvar de entre os destroços dos Estados, e hão de ir até a mais longinqua posteridade na fama dos seus escriptos assombrosos. Do alto do seu balcão onde expede diplomas de ignorancia e de bruteza elle averba de loucos e de ambiciosos a V. Hugo, Kossuth, Manin, Avezza e Mazzini—V. Hugo, cujo nome é pronunciado com admiração e respeito por todos quanto lêem-lhe os escriptos e sabem das estrondosas provas de sua dedicação a sua Patria, de seu amor pela humanidade!—Kossuth o heróe de tantas batalhas, o patriota Hungaro, que exforçou-se por extirpar da sua Patria a raça dos Windysgraets e Haynans!—Manin, o homem modesto e illustre que, na phrase de E. Girardin, houvera sido o Washington dos Estados-Unidos da Italia, se o anno de 1848 não tivesse abortado!—Avezza, uma das glorias da Italia!—Mazzini, o grande tribuno, o magnanimo soldado, o profundo politico!!

Sinto o coração sangrar-se contemplando o quadro das nossas miserias: por toda parte a exploração do homem pelo homem;—a hypocrisia, o desfaçamento, ou peor ainda—o voear dos parvos a se revolverem em sua nihilidade.

Por isso é, meu amigo, que eu aceito e me ensoberbeço com o escabello modesto, que me deste ahí junto a essa meza de trabalho aonde empallidecemos sobre os livros educando o nosso espirito, segundo a nossa vocação, ou na convivencia dessa boa e inoffensiva gente—os litteratos e desses homens de imagi-



nar ardente—os poetas, que nos ensinão a linguagem mystica de Deos e da Natureza, e nos inicião nos mysterios do amor e do coração, e cuja existência aventurosa é uma luz e um ensino—uma educação completa,—ou na convivencia dos modernos Numas, Justinianos, Zoroastros e Confucios, na qual se respira uma atmospherã pura, e, na phrase de Rebello da Silva, socega-se momentaneamente do ruído e das fadigas da vida quotidiana.

La fora vòã despeado o demonio da corrupção... Abriguemo-nos no Santo Tabernaculo da sciencia: arrimemo-nos nessa ara singela em que depositamos as offrendas que consagramos ao Deos dessa Religião,—mesquinhas ou grandes, mas todas da dedicacão a mais pura. Cerrêmos os ouvidos ás gritas das paixões, que por ahí estrondeão; fechêmos os nossos peitos á essas paixões desinfreadas, que por ahí rugem,—e olhos fitos na Patria, aprestemo-nos para o seu serviço.

Espalhai a vista sobre esse mundo lá de fora: que é o que vês? Em toda bocca—a mentira, a hypocrisia desenhada em todas as faces, o escarneio a arregaçar todos os labios e delles a escorrer a satyra com todo o amargoso do seu fel,—não a satyra como a entendião os Gregos, mas como o desafôgo de invejas pequenas e de grandes odios,—a maledicencia a afiar todas as linguas, que acceira dos punhaes rasgão pelas costas as reputações as mais bem formadas, os caracteres os mais elevados,—tishão a honra e anniquilão o sêr humano!

Que miseria, meu amigo! E ser tão facil seccar em sua fonte esses males, que nos consomem essas doenças, que nos matão! Sim, algum dia, entoarás hosannas á victoria da democracia! Breve convirás que *as instituições que nos regem não estão na indole actual do Povo Brasileiro, e que a Republica não é só uma necessidade do futuro, porem que ella é o unico modo de Governo, que pode satisfazer as nossas necessidades presentes.* A dualidade, segundo creio, nunca foi principio organico: a dualidade no Governo, faz a duplicidade de character no Povo, apaga-lhe a luz dos patrios brios, estraga quando não anniquila os mais bellos caracteres. A dualidade, disse um dos nossos mais illustrados pensadores, é o regimen da monarchia constitucional, que é quasi sempre uma mentira—e nenhum homem honesto pode amar a mentira.

Pede-te que aceites estas minhas palavras, como a expressão fiel dos meus sentimentos, e não como phrases estudadas para produzir effeito, ou como termos combinados com arte para *fazer espirito.* Tenho especial birra dos taes *factores da litteratura viva:* não lhes amo a louquella sempre affectada e pretensiosa, quasi sempre saturna o óca. Não os imito, e muito menos aquelles, que apremem a singularidade, sem lhes importar o caminho: bem longe disso; *travado com o sangue do coração, vazo no molde da palavra os sentimentos, que se tumultuão atropeladamente em minha alma, e que vão toscos e mal vestidos porque a verdade não sóe enfeitar-se de galas ociosas.*

Sim, meu amigo, escrevo com o sangue do coração travado de amargas dôres ao contemplar a marcha desvairada da nossa sociedade, ao vêr, de vergonha, roxeadas as faces da nossa Patria, prostituida ao estrangeiro por alguns dos seus filhos, que a renegarão, envelhecida pelos bastardos que só se deixão deslumbrar pelo luzir do ouro, e em que está de todo extinto, (si nelles alguma vez existio) o sacro fogo do patriotismo.

Si a matilha que se apacenta das migalhas caidas das mezas dos principes e dos grandes—ou aquelles que já lhes cravão olhos avidos, atirar-se sobre mim, —só tu és o culpado, que com o teu gracioso convite vieste quebrar o proposito firme em que eu estava de não appresentar-me tão cedo ao *publico*—a esse órgão desafinado de todas as paixões, tyranno absurdo, que elogia e calumnia sem saber porque. » (1) Adiante.

Quando é que nos rehabilitaremos em face dos outros povos, que nos cercão e nos observão, condoem-se do nosso estado ou riem-se das nossas miserias? Quando é que nos havemos de elevar á altura da civilisação dos povos d'além-mar,—dessa França, modêlo de heroismo e illustração,—dessa Inglaterra solo classico da liberdade, ou dessa Allemanha, patria dos pensadores, *mas dessa raça de gigantes, destinados a escalar o Olympo e submettel-o ao seu imperio!* (2) ou dessa Italia, tão nobre em sua queda, tão magestosa em sua resignação, tão

(1) *Rostopchine.*

(2) *J. Gomes Monteiro.*

imponente por suas saudades. tão veneranda por suas esperanças? Esse dia chegará porque, como disse I. Marmol, «o porvir do mundo é o patriotismo da America,» e então cada Brasileiro será a egide da liberdade, cada coração seu altar.

Os principes e os grandes a se repotream em suas douradas poltronas! O miseravel povo a dormir a somno solto, quem sabe se tambem cego pela poeira das estradas?! E a gente do poder a gritar-lhe gargalhadas á face, contente com o resultado da boa dose de opio que lhe fizera empinar! Pretendem suffocar o grito de indignação que estremece no peito dos poucos homens do povo, que ainda velão,—ao atroar do alvião e do picarete a lascarem o granito das nossas pedreiras, á apromptarem *caminhos de ferro*!! Que escarneo, meu amigo, si essas maravilhas, que o Governo *tem em vista* ou já tem realizado pela bocca dos seus servidores,—que olhos em braza e com o gostoso riso da bolsa-cheia a encrespar-lhes os beiços, tomão nas costas e apresentam ás outras Nações, o Governo, que os apascenta,—como o Governo typico, como a nata dos Brasileiros, como homens fundidos n'um molde, que a natureza quebrou ao atirar-os no mundo,—si essas maravilhas desse Governo typico representão as lagrimas de um sem numero de familias, si ellas só querem dizer arranjos dos conciliados?! «Em toda a sociedade, tu o disseste, com a sensatez que te caracteriza, ha duas sortes de interesses—o interesse moral e o material. Curar dos interesses materiaes do Estado, olvidando os interesses moraes—é da parte dos Governos, cumprir apenas a metade de sua elevada missão.» E os interesses moraes—o Governo delles cuida por ventura? «Quando se vê a hypocrisia com que o vosso Governo se apresenta amigo da instrucção popular a ponto de estabelecer um *Instituto para cegos*, dizia o illustrado Redactor do Republico em uma carta ao Snr. D. Pedro II—não pode o pensador deixar de indignar-se ao vêr os obstaculos que se pôe a imprensa popular afim de que o povo não leia. O povo não é mais cidadão, nem se deve occupar de politica; hoje tudo está reduzido a interesses materiaes: o homem é materia. Os negocios do Paiz não pertencem mais á Brasileiro algum nem á vós mesmo;—pertencem aos Iglezes, e aos Portuguezes, pertencem aos estrangeiros. Este materialismo, esta prostituição em que vive o vosso Governo, envergonha a especie humana.» E entretanto o Governo a promover a felicidade e o engrandecimento da Nação! E a paz e a ordem a rebentarem viçosas da calma dos espiritos—bemditas arvores a fructificarem de ante os desvellos dos horticultores actuaes....

Estamos na *idade do ouro*, dizem os paes da Patria em suas gongoricas declamações, e se não vêde:—a Felicidade a dourar com os seus fulgôres augustos as *pedras da corôa* do nosso Rei—a sorrir-se festiva á essas *Provincias Edenicas*—aonde a voz dos folguêdos populares vai casar-se docemente com o zumbido das locomotivas nos carris, ao voar veloz do cavallo do Watt seu grande *instrumento de industria e de civilisação*!!

Ainda bem que o somno do povo não pode ser eterno! Não pode durar muito a embriaguez na alma de um povo e do povo Brasileiro principalmente em cujas veias pulla ardente o sangue desses Argonautas dos tempos modernos—desses Portuguezes herôes, que devassarão as mais longinquas terras e insereverão o verbo do Catholicismo e da civilisação nos virgens rochedos da America—o sangue desse povo, que enthronisando um Rei se enthronisava nestas memoraveis palavras «Cada um de nós é igual á vós; reunidos somos mais do que vós: haveis de nos governar a nosso gosto—sinão, não» de um povo que em 1245 depõe Sanc. o II—o Capello, *em razão de sua vida devassa*—e em 1325 dizia a D. Affonso IV: «Si vós não vos emendais escolheremos outro Rei que melhor nos governe.» Sem recuarmos muitos annosahi temos para attestal-o a gloriosa revolução de 1848, «que em seu vulcão devorador queimou os mesquinhos pergaminhos de soberanias caducas, antiphaticas e ridiculas.» (1) A resistencia legal é um direito; e a insurreição armada é o seu ultimo grão. E' pela força,—é pelos meios extremos, é pelo sangue quasi sempre, que os povos resgatão os foros de suas liberdades conculcadas pelos dos tyrannos.

Judith immolando Holofernes celebriçou-se no assassinio do tyranno: aonde está a historia dos grandes homens e dos grandes acontecimentos—ahi está quasi

(1) *Lopes de Mendonça.*

sempre o sangue. M. Bruto, J. Clement, Ravaillac, Cromwell, Ankarström, Drouet, D'Ethè e Billaud, foram os representantes—executores das necessidades de suas patrias, ou antes foram os instrumentos de que servio-se a Providencia, porque, como diz Bussuet, quando Deos como que se cansa das iniquidades do homem, serve-se dos reis para punir os povos e serve-se dos povos para punir os reis. Esses homens representam na historia—o movimento politico dos povos, a luta das idéas velhas que se querem conservar contra as novas idéas, geradas por novas necessidades a reclamárem o desapparecimento dos interesses creados como insuportaveis no presente embora uteis e proficuos na éra do seu nascimento: elles são os protognistas dessas grandes revoluções politicas—« que em certas épochas, são tão inevitaveis e necessarias como as grandes revoluções da natureza. » (1)

O punhal que matou Caesar foi a arma que reconstruiu o arruinado edificio de Roma. O sangue dos despotas fertilisa o terreno em que se embebe; é a seiva de que, ao nascer, se alimenta, para fructificar a arvore magestosa das patrias liberdades. O nome de M. Bruto entalhou-se no grande livro das tradições populares; o seu nome é um legado venerando, que as gerações umas ás outras transmittem, como uma gloria ou como um culto. M. Bruto é para os povos modernos um dos vultos mais preeminentes e do numero desses, que se destacão lá de entre as brumosas nevoas das idades primitivas, e nos maravillhão por sua coragem e por seu civismo. O de Caesar salvou-se nas paginas dos seus *Commentarios*, sem os quaes seria varrido da estima da humanidade e não lhe alcançara senão um grito de maldição. . . . Os grandes homens são verdadeiros Proteus; elles se nos amostrão sob os aspectos os mais oppostos, e appresentão caracteres que parecem inconciliaveis—quasi impossiveis. Caesar o maldito não é decerto o sabio historiador da campanha das Gallias—não é o Julio Caesar—o civilizador das selvagens hordas de Helvetios e incultos povoadores da Gallia: este Caesar viverá na admiração de todas as idades—viverá em quanto durar memoria do que foram os Romanos, em quanto existir uma pedra do Capitolio ou do Vaticano. Mas, que nome cabe ao Caesar—incendiador e saqueador de povoações pacificas—ao espoliador dos templos dos Gaullezes ao exterminador dos Druidas?

Depois dos seus mais brilhantes successos, appresenta-se Caesar a pedir o consulado com a prolongação do seu governo, na occasião em que Pompeo de volta da sua expedição da Asia recebia em Roma honras extraordinarias. Mui sabidas são as palavras que elle proferia lançando a mão no punho de sua espada ao infirmarem-n'o de que a sua petição havia sido regeitada: « Com isto conseguirei aquillo que injustamente me recusão. » A historia as aceitou e gravou em o seu livro de bronze—como o epitaphio de sua moralidade. O *facta est alba*, pronunciado á margem do Rubicon, foi o primeiro élo dessa pesada cadêa de 70 dias que arremeçada sobre a Italia cubrio-a de sangue e a Sicilia e Sardenha. . . . Depois de envão exforçar-se por alliar Cicero a sua causa,—entra em Roma, esmaga Metello e saqueia o thesouro publico. . . . Vai a Hespanha derrota Petréo e Afranio. . . . Passa-se para a Gallia, onde á ferro e fogo devasta Marselha que tão heroicamente se defendêra. Dictador, elle abdica depois de 12 dias—marcha sobre a Grecia aonde se refugiara Pompeo e nas margens do *Euphrate* vence o heróe da Guerra Pontica e com o braço de Septimio, no Egypto, apunhala-o—*Pompeo, que extirpara as raizes da rebellião*, completando a obra de Cassio—o aniquilamento das forças de Spartaco—Pompeo, o destruidor dos Piratas, que infestavão o Mediterraneo, e que repovoou com vinte mil prisioneiros a deserta *Solys*, que adoptou ao depois o seu nome—*Pompeopolis*. Em quanto Caesar assim enxovalhava o brilho de suas armas, em Roma erigirão-lhe uma estatua ao lado da de Jupiter no Capitolio com a ridicula inscripção:—*A' Caesar semi-deos*. Imperador—elle constituiu-se uma negação absoluta das leis; a sua vontade tornou-se a legislação Romana: a liberdade eclipsou-se. Caesar imperador, offerece-se-nos como o typo do mais refalsado jesuitismo, como o mais rematado hypocrita: em todas as suas palavras, muita docura, muita mansidão, em todas as suas ordens—o sangue, a violação de um direito.

Bruto foi o representante—executor das necessidades de sua Patria. Que importa que ao depois voltasse a hydra do despotismo? O sangue do tyranno

(1) F. Aucillon.

absorvido pela terra, como o Anteo da fabula—fez surgir mil outros que o excederão em perversidade. E' certo: porem o nome dos conjurados—era de continuo invocado como uma lembrança de salvação e de felicidade, nas dores dos calabouços, nas torturas das prisões.

M. Junio Bruto teve Voltaire como o panegyrista do seu caracter verdadeiramente Romano, da sua coragem e do seu civismo—« Em *Bruto* Voltaire revive com as lembranças de sua mocidade o sentimento de energica liberdade e do mais austero patriotismo, que o poeta recebêra do espectaculo da Inglaterra. » (1) Caesar gerou a *Pharsalia* de Lucano « genio elevado, porem mau poeta, á quem entretanto Corneille costumava dizer, que muito mais devia do que a Virgilio, não que elle preferisse a *Pharsalia* á *Encida*. » (2)

Para muitos são talvez esses os mais felizes resultados das proezas de Caesar, e do exôrço sublime de Bruto.

Mil seiscentos e trinta e tres annos depois da morte de Caesar era justicado em Saint Cloud o assassino dos Guises; e a imagem de J. Clemente « era nas igrejas offerecida á adoração do povo. » Vinte e um annos depois o novo sangue *bourbonêsino* era derramado na rua Ferroniere: Henrique IV morria pelo punhal de F. Ravaillac.

Henrique III foi um dos *heroes* do 24 de Agosto. . . Em Jarnac e Moucoulour foi um soldado valente e um vencedor glorioso; porem esse Henrique não é o mesmo homem, que covardemente fazia assassinar-se em Blois o mais brilhante e o mais notavel dos Guises—Henrique o *Balafré*, o vencedor dos Allemaes e com elle o cardeal seu irmão. Tacito fallando de Galba diz: *major privato visus dum privatus fuit, et omnium consensu capax imperii, nisi imperasset*. Palavras essas applicadas por todos os historiadores á Henrique III: o duque d'Anjon brilhante de mocidade, de coração e talento—aquelle em cujas mãos depositara a Polonia o seu governo, esperançosa de felicidade—desapparece sob o nome de Henrique III—o desalmado que festejava a morte do seu irmão o duque d'Alençon—o coração, depravado, a alma pervertida, *cuja principal occupação e maior prazer consistião em agradar á seus mignos* (3)—os Maugirous, Saint-Megrins e Sochomberts:—que despendia 4:200.000 francos com as festas por occasião do casamento de Joyense, e não tinha com que pagar um mensageiro para enviar ao duque de Guise uma carta do que dependia a salvação do reino. « Henrique III, diz A. Dumas, depois de haver feito suas procições, penteado o cabello e alinhado as caveiras do seu roزاریo e dado uma boa porção de suspiros, nada mais fazia. A sua unica ambição era a de ser tido como o mais bonito Rei da Christandade. Depois, elle mostrou-se como essas velhas namoradeiras, que trocáo o espelho por um livrinho de missa; tinha quasi horror aos objectos que mais estimara. » Henrique nesse tempo tinha medo de phantasmas e acreditava em almas-penadas e em casas mal-assombradas: era tímido como uma menina, medroso como uma criança, imbecil como Carlos VI, *supersticioso* como Luiz XI, licencioso á maneira de Luiz XII ou de Heliogabalo e cruel como Luiz X o querellador, que affogára sua mulher n'uma pipa de malvasia.

. . . . .  
*O fanatismo* sob a figura de Henrique de Guise apparece em sonbo á J. Clement—*espírito fraco e credulo em sua devoção*, e lhe ordena a morte de Henrique III.

Cours, vole; et que ta main, dans le sang consacré,  
 Délivrant les Français de leur indigne roi,  
 Venge Paris, et Rome, et l'univers et moi.

Par un assassinat Valois trancha ma vie,  
 Il faut d'un même comp punir se perfidie  
 Mais du nom d'assassin ne prends aucun effroi;

- (1) *E. Geruzex.*  
 (2) *Voltaire.*  
 (3) *P. Bayle.*

Cequi fut crime en lui sera vertu dans toi  
 Tout devient legitime à qui venge l'église;  
 Le meurtre est juste alors; et le ciel l'autorise.

P. Bayle entretanto nos assevera que foi á belleza e aos favores da duqueza de Montpensier, que a França deveso a morte do seu tyranno. DeThon e Brantorne servem-lhe de provas á sua opinião; e se Voltaire omittisse o *fanatismo*, e em seu lugar fizesse apparecer a França—teria historiado com verdade a causa da morte de Henrique III *cu cuyas mãos imbecis fluctuavão as re-deas do Estado agitado, e as leis erão sem força e todos os direitos confundidos.*

Henrique IV o heroe do primeiro e mais brilhante Poema Epico, de que reza a litteratura franceza—*terti excedido ou se houvera hombreado com os maiores politicos e guerreiros de que faz menção a Historia, si a primeira vez que elle deshonrou a filha ou a mulher do seu proximo, o punissem do mesmo modo porque o foi P. Abeibard.* (1) Henrique IV é talvez na historia o rei o mais debochado: delle se pode com justiça dizer o que disserão de D. João V—levando a libidinagem e o desrespeito da honestidade aos extremos do cynismo do animal, fazia dos lugares publicos e consagrados ao culto, theatros de suas infames orgias. E' tão certo isso como ser Luiz XVI o maior gastronomo, Affonso VI o maior borracho e D. João VI o maior poltrão, dos que avultão na historia.

Elle mesmo o confessa em uma carta que se vê nas memorias de Sully e até parece alardear-se de suas conquistas amorosas, gloriar-se mais por ellas do que por seus feitos d'armas:—proclama-se o melhor caçador, o maior velhaco no jogo, o mais habil dançarino, e o maior apologista dos banquetes e de comedias, de todos quantos por ventura existissem em França (2) Villeroy dizia-lhe muitas vezes que um principe que não é zoloso dos respeitoes de sua magestade, autorisa contra si a offensa e o desprezo; e Henrique punha-se a fazer estradas dissertações, querendo provar que a Escriptura não nos ordena absolutamente, que não tenhamos vicios e defeitos e que não devemos pecar. Esse não é porcerto o homen-genio, que concebera a idéa grandiosa da organização de uma republica ou associação de todos os Estados—projecto que, a ter sido levado a effeito, obstara o rompimento dessas terriveis guerras, que ensanguentarão o seculo 17;—não é o esclarecido monarcha que promulgou o celebre Editto de Nantes, e que no memoravel anno de 1598 abateu o orgulho de Philippe II fazendo-o *renunciar a suas pretensões sobre a França...*

O punhal de Ravaillac pensa C. Leynadier ter sido aguçado na Bastilha: eu me persuado com muitos outros historiadores, que esse Henrique IV como se vê na celebre carta por elle mesmo escripta e que se acha nas memorias de Sully, devia morrer pela França e pela humanidade. Chateaubriand disse que o fim tragico de Henrique IV muito contribuiu para seu renome: *desapparecer a proposito da vida é uma condição da gloria.* Fallando de Ravaillac esse mesmo escriptor—o compara á Louvel, e chama-o—*cego mandatario de uma opinião.* O desaparecimento do filho do duque de Vendôme—era reclamado pela França inteira,—representada por J. Châtel e Barriere, que tentarão empolgar a gloria, que a *constellação* explicada por LaBrosse reservava a Ravaillac.

Henrique IV accumulou de honras e de favores—á Villars, Laverdin e Balagni; e pelo artigo 10 do editto de Folembray declarou dividas da corôa as dividas do duque de Mayenne: entretanto deixou morrer de fome o burguez que lhe favorecera a evasão do carcere em que o encerrara Carlos IX. Ingrato e gascão—o Bearnez desenha-se fielmente nestas palavras que a duqueza de Rohan lhe attribue: «Meus amigos, offendei-me e eu vos amarei; servi-me e eu vos odiarei.»

Carlos IX é elogiado por Brantôme e Ronsard, e endoezado por Tillet: Henrique IV é o heroe do primeiro e mais brilhante Poema Epico de que reza a Litteratura Franceza. Não admira: tambem Pirckteimer fez o elogio da gota, e não sei que outro o da cicuta ou do punhal.

Sully—eis ahí está quem demonstrava, que *as duas maninhas de que a*

(1) Bayle.

(2) Memorias de Sully.

*França deve se alimentar são agricultura e o commercio, verdadeiras minas e thesouros do Perú.*

Sully foi o *Pombal* do D. José Francez.

Em quanto isso se passava em França, scenas de semelhante natureza preparavão-se alem da Mancha. Jacques I escrevia o *Basilicon Doron*, e dedicava-o á seu filho mais velho—Henrique—nome fatal, diz Chateaubriand, por que se elle não morresse Carlos I não teria reinado; e a historia não apresentaria em seu quadro de sangue as revoluções de 1649 e 1688, e a Revolução Franceza não teria as mesmas consequencias visto como sem o antecedente do julgamento de Carlos I, ninguem se lembraria em França de conduzir Luis XVI ao cadafalso.

No *Basilicon Doron* a mão de um rei traçava estas sabias admoestações, estas palavras admiraveis, porque partidas do assassino de W. Raleigh—o illustre precursor de Sidney, Hume, Lignard e Southey:—« As leis não teem tanto poder e effeito sobre os homens, como a vida e o exemplo d'aquelles que os governaõ: sêde bom christão e bom rei, guardando justiça e equidade em vossa administração. Vós o conseguireis com estes dous meios—o estabelecimento de boas leis e a sua fiel observação; pois que sem isso ellas de nada servem, uma vez que a observação da lei é a vida da propria lei: o outro é este—sêde exemplar por vossos costumes e vossa vida, pois que naturalmente o povo modela seus costumes por aquelles do seu principe. » Si Carlos as houvesse abraçado e seguido o sopro ardente da Revolução não lhe derretêra sobre a fronte a corôa. Entretanto elle cubrio-se de nodos. . . era tão geralmente odiado que T. Scott dizia: Quero que este seja o meu epitaphio—*Aqui jaz T. Scott que condemnou o rei Carlos a morte.* Vanes, Ludlow, Sidney e Hutchison pensavaõ semelhantemente. Carlos I era por toda ilha designada pelo nome de *criminoso de leza nação*, e a sua morte era o grito unisono do povo. Cromwell diz: « quando eu estava para apresentar uma petição tendente á instauração do rei no poder, senti prender-se-me a lingua, e tive esta impressã sobrenatural como uma resposta que o Omnipotente, por cuja vontade o rei foi expulso do throno, enviava ás minhas orações. »

Carlos deixou-se governar por Buckingham, que tambem governára seu pai. As suas expedições contra a França e Hespanha lhe attestam o amor ao seu paiz, a sabedoria e prudencia com que lhe cuidava dos interesses e prosperidade—As suas questões com os Parlametos mostrão até que ponto queria elle fazer pezar sobre o povo a mole immensa do despotismo. E' por esse tempo que apparecem Cromwell e suas maximas: *é licito passar por todas as formas de governo para chegar ao fim desejado pelos homens honrados—E' permittido enganar áquelles que nos enganam.* »

Cromwell põe-se a testa do movimento popular á inaugurar de novo os velhos principios de liberdade e progresso esquecidos ou despregados pelo rei. E o espirito da revolução assoprado pelo *puritanismo* da Escossia, vem encarnar-se no illustre descendente dos Hampdens e Warwicks.—E pois Cromwell não foi senão o instrumento de sua Nação e do seu Seculo. . . . . Derribado o ministerio do rei a omnipotente Camara dos Communs lhe apresenta um *bill* pelo qual se declara—*assembléa permanente*, e um outro condemnando á morte Strafford—o amigo de Carlos e o sustentaculo da realza. « Sancionando um e outro, diz Villemain, o rei deu em sua autoridade um golpe mortal, e a sua ingratição foi o seu maior erro politico. » Animada pelo desaparecimento de um dos seus mais exforçados guerreadores, e não satisfeita com as innumeradas concessões, que lhe fazia o rei,—a camara dos communs despoja-o de muitas das suas prerogativas,—supprime a guarda que elle creára,—e proclama como uma das suas attribuições, o tratar dos negocios relativos á guerra da Irlanda. Carlos vai em pessoa ao Parlamento e ordena aos seus esbirros a prisão de cinco membros—os mais exaltados: consequencias—a multiplicação de escriptos incendiarios e a fuga da rainha para Hollanda a fim de livrar-se da accusação que contra si via intentada, e tambem a fuga do rei para York e d'ahi para Hull, de onde foi, pelo governador, corrido.

A Revolução tomava corpo, e crescia lastrando-se por toda a Grã-Bretanha.

O rei levanta o estandarte real em Nottingham e o Parlamento declara trahidor á patria todo o cidadão que seguil-o e organisando um exercito seu colloca a sua frente—Essex talvez o mais accerrimo inimigo da realza. Mui-

tos membros do Parlamento nelle se alistam; entre elles figura Cromwel, que desde logo é nomeiado capitão pela Camara dos Communs e se distingue por sua coragem e seus ardis. Elle organisa em sua provincia uma companhia de cavallaria e a *experimenta em uma falsa cilada: lança fôr das fileiras aquelles que elle viu fugir e os substitue por outros escolhidos, diligenciando assim organisar uma força de bravos e subordinados* (\*)

*Esse seu regimento foi como que um seminario d'onde saíram os mais valentes e disciplinados officiaes, que se espalharam por todas as fileiras do exercito do Parlamento:* d'ahi a sua rapida e assombrosa fortuna—Ao depois da primeira e famosa batalha de Edge-Hill, Cromwel ja coronel percorre os condados de Cambrigge, Essex, Norfolk e Suffolk, nos quaes lord Capel ja havia assoprado a revolução: em Lowerstorst elle desfaz uma associação de realistas e o Parlamento lhe passa a patente de tenente-general. New-Castle porem, o general das tropas dorei, é vencedor em muitas batalhas, n'uma das quaes é morto Hampden—um dos mais illustres e denodados chefes das forças parlamentares. Em Newburry a victoria corôa o heroismo de Essex e de Cromwel e os exforços e valentia dos seus soldados; e o Parlamento triumphante vê desaparecer um dos seus mais intrepidos contendores—lord Pakland, o generoso amigo de Hampden.

« Sacrificando quasi ao mesmo tempo esses dous illustres cidadãos dos dous differentes partidos diz Villemain, parecia que a sorte queria destruir os medianeiros da paz. » Em Marston—Moor Cromwell alcança a mais completa victoria sobre as forças realistas commandadas pelo Príncipe Roberto. Depois desta memoravel batalha New-Castle deixa a Inglaterra e a cidade de Yorck rende-se e a de New-Castle é tomada de assalto. A causa da realza perdura-se definitivamente no Norte. Cromwel, cujos projectos até então eram desconhecidos, declara-se ás escancaras inimigo da realza. Elle mostrou-se o mais ardente dos *Independentes, cujos principios politicos encaminhavam para uma mudança na Sociedade e queda do throno.*

Deploravel tornou-se a situação de Carlos depois da batalha de Naseby: os seus recursos esgotaram-se; e elle sem ouro e sem homens, vio-se obrigado a atirar-se nos braços dos Escossezes, de todos os seus inimigos aquelles que mais confiança lhe mereciam. Senhor de Newark que elles sitiavam, o rei ordena que se lhes abram as portas. Prisioneiro, é elle conduzido á Newcastle, aonde o Parlamento o compra por 400 libras sterlingas e o leva para Holdemby (30 de Janeiro de 1647.) Ensoberbecido com a grande victoria que alcançara com a prisão do rei—o Parlamento expede uma ordem no sentido da dispersão do exercito de Cromwel, enviando parte delle para a Irlanda e licenciando a outra. Cromwel soube desviar o golpe que lhe descarregaram: em vez de obdecer, accusa o Parlamento de ingratição, incapacidade e despotismo e lhe prediz a queda dispondo-se para agredil-o. Defeito Cromwel dobra de energia e actividade e não descança senão depois de haver feito sentir o Parlamento o peso de sua omnipotencia e de lhe haver raptado o rei, que é conduzido á Hamptoucourt. O Parlamento eale do alto do seu poder e de então por diante a Inglaterra vê Cromwell a timonear-lhe o Estado.

De Hamptoucourt o rei foge e vai refugiar-se na ilha de Whigt em cujo governador elle ju ga poder confiar. Hammond porem era criatura de Cromwel e Carlos é de novo mettido em prisão. A sua desgraça crêa-lhe um partido no seio dos seus mais encarniçados inimigos—os *Independentes*. Esse partido, que se intitulara dos—*Niveladores*, desaparece dissipado por um leve so pro de Cromwell. Entretanto um novo e temivel advogado da realza se le vontara ja na Escossia: é o duque de Hamilton. O captivo e padecimentos de Carlos—lembravam aos Escossezes a villania que praticaram em 30 de Janeiro de 1647. Hamilton por elles jura que hade restituir á Carlos e a liberdade e o throno—atira-se sobre a Inglaterra; insurge o principado de Galles; mas a sua coragem e sua pericia vão quebrar-se de encontro a disciplina e denodo do exercito de Cromwell. Recoezoa de alguma nova tentativa tendente a re-inthronização de Carlos, a Inglaterra, representada pelas tropas de Cromwell, exige formalmente o seu julgamento.—Foi no dia 20 de Janeiro que

(\*) Villemain em sua *Historia de Cromwell*, onde podem ver os factos que refiro relativos a revolução Inglesa:

elle pela vez primeira appareceu diante seus Juizes, presididos por Brashadow... Aos 30 desse mez do anno 1349—do alto de um batibulo um homem mascarado apresentava ao Povo a cabeça ensanguentada de Carlos e dizia « Eis aqui a cabeça de um traidor. »

O *Iconoclasta* de Milton é o mais fiel retrato de Carlos I: foi a resposta que deo o partido republicano por bocca do seu maior genio, ao *Eikon Bassi-ike* livro em que Soumaise pinta o rei Carlos como o prototypo do liberalismo, como o mais bello compendio de virtudes e de talentos politicos á não ter igual. Pobre Soumaise! por felicidade tua ainda lá não havia o Bedlam.

Durante e depois da Revolução os *pamphletos* á inundarem a Inglaterra...

Lovelace em Gal-house canta em aprimorados versos a *grandeza d'alma e as virtudes civicas* de Carlos I e diz que *assim cantando os ventos que enrolam o mar e as aves que cortão os ares não são mais livres do que eu*. Lovelace foi o bardo da realza: Milton o poeta da democracia. Do primeiro hoje poucos sabem a existencia: no entanto que Milton viverá na memoria de todas as gerações em quanto for fallado a lingua de Skspeare, Byron, Wordsworth e J. Baillie.

..... Ao depois veio a Revolução Franceza— « marcou-se na historia do genero humano uma d'aquelle épocas que só se renovão, diz Almeida-Garrett, de longos em longos intervallos, como os phenomenos astronomicos. O echo da França retiniu dos Alpes ao Guirinal, do Sena ao Rhim e ao Danubio. Lavrou, correu, ateu-se quasi geral a labareda, aque a oppressão e a tyranhia ha tanto seculo estavam amontoando com bustiveis. Um só povo do antigo mundo se izolou completamente da força electrica da revolução Franceza: falle-mais exactamente, da revolução da Europa contra seus tyrannos: a Inglaterra, —perque a Inglaterra ja era livre. » Mãe gosto fóra acrescentar mais uma linha ao que fica dito.

Chateaubriand fallando da revolução de Julho expressa-se deste modo: essa revolução pronunciou uma sentença contra todos os thronos; d'oravante já os reis não poderão reinar senão pela violencia das armas, meio certo por um momento, porem por mais não, porque época dos janissaros successivos passou... O movimento de Julho não se liga á politica propriamente dita, porem á revolução social que obra incessantemente. Pelo encadeiamento desta revolução geral, o 28 de Julho de 1830 não é senão a consequencia forçada do 21 de Janeiro de 1793: a queda de Carlos X é a consequencia da decapitação de Louis XVI. O 21 de Janeiro havia ensinado a dispor-se da cabeça de um rei; o 29 de Julho mostrou que se pode tambem dispor de uma corôa. » Em outra pagina brilhante de suas *Memorias d'alem tumulo* elle diz: « Desde David até nosso tempo, os reis forão chamados; agora chegou a vez das nações; a Sociedade moderna abandona a Monarchia.

As doutrinas mais atrevidas são dia e noite assoalhadas á face dos reis, que tremem por detras de uma triplíce fileira de soldados suspeitos. O deluvio da democracia os alcança; elles sobem espavoridos de andar em andar, da rez do chão até o fastigio de seus palacios, donde se atirarão a nado na onda, que os hade afogar. (1) » Em Portugal a voz eloquente do seu maior poeta predizia o proximo triumpho da Democracia: « O Povo hade erguer o braço não o duvidemos; hade pelear e hade vencer.

Façamos quanto em nós está para que bem o erga, bem peleeje e bem saiba uzar da victoria. » E a victoria da Democracia é certa: cumpre que ella não se manche com as torpezas do canibalismo; que não se esqueça um só momento de sua origem o Calvario, do seu devev a—justiça, da sua esphera a—moral, da sua missão—o fim de todas as tyranhias e de todas as escravidões. Inda bem! que ella ha muito ja apagou da sua bandeira o pensamento sanguinario de D'Alembert (2); e para que o fizesse bastava vêr os tyrannos a embriagarem-se com elle—como os de Sparta que embriagavão os escravos para fazer desprezivel a embriaguez aos olhos de seus filhos.

*Strappa, Louvel, Fiesque e Pianori* levantarão contra si um grito solemne de reprovação:—acreditarão servir a Democracia, nivelarão-se com os seus ini-

(1) *Trad. do Timandro.*

(2) *O universo não será ditozo senão quando o ultimo rei for enforcado nas tripas do ultimo frade.*



migos. No entretanto o proprio Montesquieu ennobrecia o regicida... De onde nasce a differença? Da salutar invazão das idéas moraes na politica, ou em outros termos, do progresso do espirito democratico, diz E. Duclere; e só a escola democratica pode com logica repellir doctrinalmente o assassinato politico, repellil-o como um detestavel meio.

.....

E quando me disserem: *não hade ser o proclamar utopico dos nossos pseudo-republicanos; não hão de ser esses pigmeus que abalem as columnas do edificio monarchico solevado em alicerces tão solidamente indestructiveis*, quaes sejam os *dourados* hombros de um pugillo de Brasileiros; e quando me disserem—*In-sensato*, que já desejas para o teu Paiz esse modo de governo sómente applicavel á Nações crescidas de população, ricas por sua agricultura e industria, brillantes por sua civilisação eu não vergarei cabeça: interrogarei o Povo de quem sou e porquem lido, e receberei submisso a sua sentença, porque a sentença do Povo é a sentença de Deus. Chamem-me insensato, sonhador, encergumeno, exaltado; e eu responderei com um dos nossos mais nobres caracteres Dr. Ferreira França—um dos nossos maiores pensadores: « Os exaltados não pertencem somente ao partido que quer dar mais desinvolvimento ao elemento popular,—tambem pertencem áquelle partido que quer dar demasiada força ao elemento da autoridade. Si cabe esse nome de exaltados áquelles que procuram fazer triumphar as opiniões liberaes por meios que a Constituição reprovava, são tambem exaltados aquelles que por meio da fraude, por meio da corrupção e da hypoeresia tratão de levar o elemento da autoridade alem dos limites marcados na Constituição. »

Deixenno tanto o estúpido riso dos parvos que de tudo que é alheo escarnecem, quanto respeito as convicções serias, onde quer que as encontro.

Admiro e respeito tanto a honradez, a illustração dos Uruguays, Euzebios e Soytes, quanto a magnanimidade e civismo dos Andradas, Feijos, Paula Souza, Macabês e Ottonis, porque « o amor da ordem, ainda rígido e severo, tem qua nobreza, se nasce de uma convicção profunda; se implacavel ataca todos os crimes e criminosos (1) »

Em França a voz respeitavel do grande Poeta do Povo, não ha muito, exclamava:

« Coragem, mocidade! ha razão em a vossa audacia: porém uma vez que tendes para vós o futuro, mostrai-vos menos impacientes contra a geração que vos precedeo. —Ella tambem foi rica de grandes talentos e muitos mais ou menos se consagravão ao progresso das liberdades, cujos fructos não sazonarão ainda... No meio dos combates de morte da tribuna, no estampido de longas e sanguentas batalhas, nas dores do exílio, ao pé dos cadafalsos alimentarão o culto da liberdade e da Patria e disserão ao despotismo: Não irás mais longe.—E vós o sabeis elle não faz alto senão deante o vero patriotismo e da gloria. Esperança e esforços. (2) »

E tu meu amigo, que professaas crenças que não são as minhas, que acacias as tuas opiniões monarchicas, desculpa-me a rudeza, qualquer que haja nessa desordenadada ennuñciação de minhas idéas, e Adeos.

S. Paulo 2 de Junho de 1856.

J. M. Vaz Pinto Coelho.

(1) *Dr. Urbano Sabino.*

(2) *Beranger.*



## A Guerra.

### II.

(Continuado do numero antecedente).

A civilisação antiga achava-se perante a sua ultima hora, porque a humanidade tinha de progredir, e não era possivel que ella o fizesse dominada pelos mesmos elementos, que a tinham acompanhado até ahí, o triumpho do futuro sobre o passado, do christianismo sobre o paganismo tinha de dar-se; mas para que o christianismo chegasse a esse ponto, para que pudesse medir-se com vantagem com o paganismo, para que conseguisse arrancar do mundo romano essas raizes seculares, forão necessarios quatro seculos de martyrio durante os quaes, ou curvava a cabeça á espada da perseguição, ou lutava nos circos com as feras, ou era queimado nas fogueiras preparadas por Nero. E' por isso, que a historia considera Constantino representante da época (não obstante a sua mediocridade), é porque Constantino comprehendeu que a civilisação antiga tinha cumprido a sua missão, e que tocava a vez do christianismo; e a Juliano, como não comprehendendo a época, querendo fazer outra vez dominar o passado (não obstante o seu genio). (1)

A invasão dos barbaros veio completar a destruição dos elementos já gastos e corrompidos da civilisação romana, e plantar no campo do desenvolvimento social novos principios, novas premissas de uma civilisação futura. Na civilisação antiga o estado absorvia o individuo—a liberdade collectiva dos antigos era, na fraze de um eloquente escriptor, um pantheismo social, no qual o homem só salvava a sua individualidade á força de grandeza e heroismo; a unidade era o seu caracter (2). Na civilisação moderna o homem é respeitado pela sua dignidade de individuo; tem uma esphera propria onde gira a sua independencia; o seu caracter é a variedade. Mas quem produzio essa mudança completa? quem trouxe esse caracter de independencia individual, e deu todos esses novos elementos á civilisação moderna? foi a—Invasão dos Barbaros—.

O franeisk barbaro veio reformando todas essas instituições seculares até Roma, onde elle fez descer pela Rocha Tarpéa o orgulho romano, que no cume do Capitolio conservou por tantos seculos a soberania do mundo. Alarico, Attila, Genserico, Odoere e Theodorico não forão senão as grandes espadas destinadas a demolir o edificio romano, para que em seu lugar se pudesse plantar o novo.

Na época da invasão, como diz Guisot, tudo é local, confuso, obscuro; é o combate de uma multidão de principios e de forças, que se misturão, e obrão como ao acaso, para resolver uma questão, que os homens ignorão e cujo segredo só Deus sabe. Era a questão de saber que regimem sahiria de todos estes elementos tão diversos e tão violentamente aproximados (3).

Nessa época é que se encontra a base das instituições modernas, assim como a origem dos Estados hoje existentes.

Depois da invasão a Europa soffreu por alguns seculos o fluxo e o refluxo—o choque e a confusão desses diversos povos, que ainda não tinham achado o lugar, que para cada um delles tinha marcado a Providencia. E para augmentar mais essa confusão no seculo VII apparecerão os Arabes.

A invasão dos Arabes produzida por um homem que alem de ser grande guerreiro era profundo politico, foi uma revolução civilisadora; Mahomet foi o escolhido para a produzir. Fanatisados pelo Alcorão os Arabes sahirão da pro-

(1) *Lerminier—Philosophie Du Droit.*

(2) *Mesmo na Grecia, considerando-se debaixo de certo ponto de vista, dá-se esse caracter na sua civilisação, porque sempre houve um elemento predominando exclusivamente sobre os outros; o combate entre os diversos elementos era muito transitorio—Guisot—Cours de Histoire Moderne. Porem relativamente á Asia sempre se considera a civilisação grega com o caracter da variedade.*

(3) *Histoire Des Origines Du Gouvernement Representatif.*

funda ignorancia em que se achavão; espalharão-se pela Asia, onde regenerarão os diversos povos, que se achavão decrepitos pela idade de suas instituições; precipitarão-se pelo norte da Africa; desembarcarão na Hespanha; passarão os Pyrinéos, e entrarão no territorio franco, onde recuarão batidos pela terrível espada de Carlos-Martello. Era a reacção da Asia contra a Europa começada pelos Hunos e prosseguida pelos Arabes.

Quem poderá negar os immensos progressos, que elles fizeram nas artes e sciencias, e principalmente nas sciencias phisicas, das quaes forão elles os fundadores? (1). Enquanto no resto da Europa os povos se entrechocavão, e destruião as fontes dos conhecimentos ajuntados pelo espaço de tantos seculos, os Arabes da Hespanha se entregavão ao estudo da litteratura, inventavão a Algebra, fazião prosperar as artes, entre outras a da architectura, como se vê nos diversos monumentos que elles deixarão, que ainda hoje existem, e que testemunhão os immensos beneficios que os Arabes trouxerão á causa da humanidade.

Mahomet foi um desses homens—genios que symbolisão uma época, porque foi o autor dessa grande revolução; e se reconhecemos a sua impostura por se ter arrogado o titulo de—Propheta—, tambem não podemos deixar de reconhecer o seu genio, quando a historia nas põe em face dos beneficios, que a civilisação obteve pela revolução operada por elle.

Mas por que modo conseguiu Mahomet reformar o seu povo? quaes os instrumentos de que se servirão elle e seus successores, para fazerem abraçar por tantos povos as doutrinas exaradas no Alcorão? foi por um modo violento—foi por meio da espada. Mahomet e seus successores percorrerão a Asia, Africa, e Europa tendo sempre em uma mão a cimitarra, e em outra o Alcorão, com a cimitarra destruião elles as instituições e as crencas existentes; com o Alcorão plantavão instituições e crencas novas. Os missionarios desta nova religião forão os guerreiros; as suas victorias não forão alcançadas por meio da palavra, da persuasão, da fé; mas sim por meio da ameaça, do temor da espada alçada sobre a cabeça do vencido, que se acha prostrado debaixo dos joelhos do vencedor; tudo isso é verdade, mas como diz um philosopho moderno, prova somente a imperfeição do homem e que certos elementos actuão fatalmente sobre a sua natureza; mas nada prova contra o caracter civilizador dessa revolução.

Mas a confusão e a luta dos diversos povos invasores continuavão ainda na Europa; a humanidade não podia estar estacionario, e a duração deste estado violento em que se achava a Europa obstava que ella caminhasse—que ella se aproveitasse dos novos principios trazidos pelos mesmos povos do Norte; era necessario, que apparecesse um braço poderoso, que contivesse a invasão, e destruisse esses elementos anarchicos, que collocavão em relações violentas os povos entre si; esse braço poderoso foi Carlos-Magno. Os seus feitos revelão a sua alta missão; pelas suas longas guerras conseguiu elle introduzir entre os Saxonios o christianismo tirou-os da ignorancia e bruteza ensinando-lhes os primeiros rudimentos da civilisação; (2) sua espada foi um dique contra a invasão de outros povos; elle salvou a monarchia franca da dissolução reunindo por um systema de centralisação os diversos elementos, que ameaçavão ruina desde os ultimos chefes da primeira raça; e para completar a sua gloria foi o autor da primeira instituição litteraria.

No reinado ephemero de seus successores estabeleceu-se na Europa o regimen feudal acompanhado de todos os horrores da anarchia; os povos gemião sob o dominio da força, reduzidos á escravidão; as revoltas do povo de nada servirão—quando appareçião aspirações á liberdade erão logo abafadas pela manopla feudal; a exclamação do celebre poeta do XII seculo (Roberto Wace)—*nós somos como vós*—por occasião da revolta dos normandos contra a nobreza não tinha echo nesses corações tão duros como o metal de suas armaduras; os estados erão entre si estranhos—desconhecidos—e inimigos naturaes, só se conhecião reciprocos golpes que davão no campo da batalha. Era a abdicção completa do que o homem tem de mais nobre a intelligencia, e o dominio do que elle tem de menos nobre—a materia; a força era o fundamento de todas as relações; a espada a unica garantia social. Este regimen poderia perdurar? A humanidade poderia viver sempre assim?

Um dia a Europa estremeceu ao ouvir as vozes eloquentes de um pobre fra-

(1) *Barão de Humbolt.*

(2) *Cantu—Histoire Universelle.*

de; toda a christandade prestou ouvidos a esse homem singular, que pintava com tão negras côres os soffimentos, pelos quaes passavão os peregrinos, que visitavão a Palestina; o sentimento religioso abalou todos os corações, e de todos os labios partiu um grito de indignação, que foi o grito de guerra dado pelos povos occidentaes contra os erentes do Alcorão; a Europa reuniu-se debaixo de um só estandarte—o da Cruz—e precipitou-se em massa contra a Asia; era a segunda reacção do Occidente contra o Oriente—eis a época das cruzadas.

Por espaço de dous seculos o sangue christão derramou-se abundantemente em pról de uma idéa; massas inteiras de homens succumbirão às influencias da natureza e ao alfange mahometano; os mortos se contarão por milhões. Mas foi inutil todo esse sangue derramado nas areias da Palestina, essa guerra de dous seculos, esse vacuo immenso deixado nos diversos estados da Europa por grande numero de cruzados, que dahi partirão, porem que nunca mais voltarão? O resultado das cruzadas provão o caracter civilizador dessa grande revolução; ellas *apressarão a experiencia dos povos*, como diz Michaud; derão o primeiro golpe no feudalismo; produzirão a primeira entrevista entre os diversos povos da Europa, pela reunião de todos para um principio, e para um fim commum, e dahi o conhecimento e as relações entre elles; a elevação das *communs*, a emancipação das Cidades, a regeneração do povo pela aquisição de direitos sobre os seus senhores, produzida por esse contacto com a classe feudal, (1) a mudança nos costumes e idéas, a importação e o desenvolvimento das sciencias e artes, e o facto de ter salvado o christianismo da invasão seldjucida, (2) tudo isso revela a missão civilizadora, que teve essa grande revolução.

Depois a Europa foi entregue à realza pela reunião de todos os feudos em uma só mão, o que foi mais um passo na senda do progresso, não só porque diminuiu o numero dos senhores feudaes, e por consequencia dos oppressores do povo, deu as nações a physionomia, que ellas tem hoje, fundindo em um só povo os diversos elementos que se achavão espalhados e oppostos, por um sistema centralizador e energico, condições essenciaes para uma época de confusão e anarchia; como tambem porque erigiu as *communs*, servindo assim de instrumento para o desenvolvimento da liberdade dos povos.

Em França a realza absoluta e as *communs* desenvolverão-se ao mesmo tempo; Luiz VI para conferir a nobreza e o clero começou a elevar o povo pela emancipação das *communs*; no reinado de Philippe Augusto a realza obteve uma grande victoria sobre o feudalismo pela aquisição dos extensos dominios de João sem Terra; as instituições de Luiz IX abolirão a jurisdicção dos senhores; Philippe o Bello tambem adquiriu um triumpho sobre o regimen feudal pela alteração das moedas, e convocação dos Estados-Geraes, e seus tres filhos continuarão na obra da demolição do feudalismo, e conseguirão estabelecer o dominio da realza (3).

No resto da Europa a realza seguiu a mesma marcha como na França; derão-se as mesmas lutas, os triumphos successivos da realza, a elevação das *communs*, e a sujeição de todos os elementos divergentes dos estados ao principio da unidade.

A realza absoluta representou por certo um papel importante na historia; ella teve o seu apogêo, mas tambem a sua decadencia e por fim a sua extinção; vejamos quaes os acontecimentos, que derão lugar à sua marcha decrescente.

(*Continua*).

A. S.

- (1) *Guisot—Cours d'Histoire Moderne.*
- (2) *P. Leroux.*
- (3) *Lepage—Science Du Droit.*



## Direito Criminal.

### FUNDAMENTO DO DIREITO DE PUNIR.

*Mais ce serait réduire la science du droit aux bornes d'une pratique stérile, que d'accepter le principe sans en rechercher la source, et de supposer la légitimité du droit de punir parce que ce droit existe.*

FAUSTIN HELIE.

Não quem contemplando na historia o viver da humanidade, quem lançado sobre as antigas e modernas sociedades, deixe de ser dolorosamente tocado pela maneira porque se tem considerado os direitos do homem, tantas vezes conculcados e desconhecidos; desde as barbaras religiões em cujos sacrificios elle servia de victima, até a suprema violação das leis naturaes, que nos tempos modernos vemos na escravidão. As autnomias que descobrimos em asisções mesmo contemporaneas, as paixões dos governantes, as opiniões encontradas dos escriptores, têm estabelecido ácerca do que o homem tem de mais caro, principios e controversias que bastantes lagrimas e sangue têm feito verter. Ainda hoje apezar das victorias dos povos em suas gloriosas revoluções e dos brilhantes progressos da sciencia terem firmado e revelado grandes e sanctas verdades, existem questoes que, embora intimamente ligadas com o bem da humanidade, continuão a ser objecto de renhidas disenssões; d'estas é a que me occupa.

Grande divergencia tem existido entre os mestres da sciencia, á respeito do fundamento do direito de punir, d'esse direito terrivel que para muitos dispõe até da vida humana, d'esse direito que arma o braço do homem para ferir seu semelhante e que paira sobre os ontros para garanfil-os. Vemos o homem que proclamamos livre, curvado sob pezo de ferros que com opprobrio arrasta pelos logares publicos. Ouvimos seus gemidos e queixas de dentro de tenebrosa e infecta masmorra, cuja porta o separa muitas vezes para sempre, deste mundo, onde devia viver feliz ajudando aos seus e d'elles ajudado. Vemos erguer-se o patibulo sanguinario e a mão do algoz fazer cahir a cabeça do homem, cuja vida declaramos sagrada, inviolavel deposito de que só o Omnipotente dispôr deve. Vemos a espada da justiça, d'essa justiça abençoada, sob cujas azas protectoras todos anhelamos abrigar-nos, transformada em ferrete, imprimir-lhe a ignominio na frente, onde se reflecte sua natureza divina, e fazel-o assim um paria para aquellos que são seus irmãos. O homem se nos apresenta pois escravizado, torturado, aviltado pelo homem. Que digo? vemos o sacerdote do Christo que devia ser seu amparo, sua consolação, tornar-se seu verdugo e parecer cumprir a ordem do fero Caligula quando dizia ao carrasco: Faze com que sinta a morte. E tudo isto, tem-se executado invocando um direito, que direito? o de punir. Aqui um crime merece a pena ultima, ali uma simples prisão. Aqui torturão o accusado para extorquir-lhe a confissão da culpa, arrancando-a com a propria vida muitas vezes; ali profere-se a sentença sem interrogatorio. Hontem applaudia-se o tribunal que levantava fogueiras para os que não abraçavam uma religião ou d'ella se desligavam; hoje destroe-se e amaldiçoa-se o governo que não reconhece a liberdade de consciencia. E tudo isto para punir. A' vista d'esses factos cruéis, d'essas contradicções, sou levado pelos impulsos do coração, a negar como Abicht e Kranse, a legitimidade do direito que tudo isto permite. Mas seria obedecer em demazia á voz da sensibilidade e não ouvir a razão que nos faz distinguir o direito mesmo, sempre justo, do seu máo exercicio filho das paixões e erros dos homens. Vendado por desmedida philantropia não deixarei de reconhecer a verdade. Depois do pouco que hei lido e pensado sobre este assumpto, não posso negar a legitimidade do direito de punir. Para provar o que acabo de avançar cumpre-me dar a esse direito um fundamento, que o faça aceitar pela razão e pela consciencia, e que torne salientes os erros commettidos em seu exercicio.

A tarefa que tomo a hombros é affanosa, porque antes de chegar ao fim

desejado, tenho de lutar com possantes adversarios que alastrão-me o caminho de mais difficuldades. Em verdade antes de emmittir juizo sobre a questão, é força combater as opiniões contrarias, afim de assentar a minha em terreno livre e firme.

Dous antagonistas formidaveis hão sempre occupado com successos varios a arena das sciencias philosophicas e juridicas: o espiritalismo e o sensualismo. Os systemas sobre o direito de punir podem ser e são classificados debaixo destes dous principios. São pois uns espiritalistas, outros sensualistas ou materialistas. Os primeiros, que os criminalistas allemães chamão tambem absolutos, são os que se elevão a um principio moral, procurando justificar o direito de punir em si, dando-lhe como fundamento a justiça e só considerando legitima a pena que parte do *direito*. Os segundos que os mesmos criminalistas chamão relativos, teem por base unica um facto, um interesse material, como diz Rossi, e procurão justificar o direito de punir pelo fim a que se propõe o legislador; fundão a legitimidade da pena na *efficacia* de produzir este resultado. (\*) Vemos que, como o observa Pirtor, o principio dominante d'estes systemas é uma consideração politica, uma medida de prudencia, em summa o *util*. É evidente que esta classificação é muito geral, que abrange debaixo dos termos *absolutos e relativos* grande numero de systemas, só unidos entre si pelo principio culminante que lhes serve de base, mas divergindo em mil outros pontos. Assim o systema de Kant não é o mesmo que o de Rossi e o de Broglie. Mittermaier e outros, sendo todos *absolutos*. O mesmo se dá com os de Beccaria, Bentham, Fenerbach, Grallman, Klein e outros que differem uns dos outros, sendo todos igualmente relativos. Eu só discutirei aquelles que mais avultão nos vastos dominios da sciencia do direito criminal moderno. Principiarei pelos systemas mais oppostos á minha opinião, isto é pelos relativos, dos quaes os principaes são os seguintes: os que fazem d rivar o direito de punir de uma convenção ou tacita ou expressa; os que confundem este direito com o de sua defeza directa quer individual quer social, os que o confundem com o de defeza indirecta exercida pela sociedade; enfim todos os que dão-lhe por fundamento a utilidade ou individual ou geral.

Deve-se regeitar os systemas convencionaes porque fundão-se na hypothese do estado de natureza, de isolamento primitivo dos homens, combatida pela historia e pelo estudo da natureza humana que elles desconhecem. Semelhante hypothese é combaída pela historia, porque esta nos mostra a sociedade como um facto constante, de modo que pode-se exclamar com Montesquieu. « Pois que! Por toda parte vemos o homem em sociedade e perguntamos se elle nasceu para ella! A pergunta é absurda, o que é um facto que se reproduz em todas as vicissitudes da vida da humanidade senão uma lei da humanidade? » Poder-se-hia igualmente perguntar com outro escriptor, em que lingua foi redigido o pacto que deu origem á sociedade. Esta hypothese é ainda refutada pelo estudo da natureza do homem, porque nega um de seus elementos constitutivos—a sociabilidade. Desconhece assim o instincto social que, diz eloquentemente Cousin, manifesta-se no primeiro vagido do infante que reclama os socorros maternos sem saber que tem mãi na solicitude d'esta em responder a esse vagido. Por ventura sentimentos taes como a piedade, e a sympathia, a benevolencia, serão filhos de convenções, ou depositados em nosso coração pela mão do Creador, que nos formou para a sociedade? Serão filhos d'essas convenções a inclinação dos sexos, sua união, o amor dos pais para com os filhos? Se a Providencia, diremos ainda com Cousin, imprimiu tanta tristeza á solidão, tanto encanto á sociedade, é porque esta é indispensavel á conservação e felicidade do homem, ao seu desenvolvimento moral e intellectual. »

Mas esqueçamos por um momento a falsidade da hypothese, fundamento destes systemas, e vejamos os seus outros erros relativamente á questão que nos occupa. Segundo elles todos os direitos do corpo social resultão da cessão que delles fizerão seus membros. Ora o corpo social tem o direito de punir, logo os seus membros o tinhão, é justamente o que reconhecem os partidarios de tal systema. Para sustentarem isto elles se apartão n'este ponto da opinião de Habbes, que tambem é *convencionalista*, admittindo a existencia de uma lei natural antes do pacto social. Como todos devião obedecer a essa lei, era crimi-

(\*) Rossi—*Traité de droit penal*, Chauveau et Hélie *Theorie du code cap.* 1.<sup>o</sup> e notes; a introdução de *Faustin Hélie* á 2.<sup>a</sup> edição franceza do tratado de Rossi.

noso, e responsavel de seu máo acto, aquelle que a violava. O direito de punir que pertencia a cada homem, era o que tornava n'este mundo effectiva essa responsabilidade. Era pois a necessidade de immediata sancção de lei natural que legitimava esse direito. Ha uma causa verdadeira n'isto: é admittir como primeira condição da penalidade a violação da lei, isto é, o demerito. Quanto ao mais, porem, vai dar no absurdo. Em verdade, a lei natural impõe toda a especie de deveres, tanto os juridicos, como os moraes, e os religiosos (pois existe uma religião natural). Ora se os individuos teem o direito de punir os infractores d'essa lei, segue-se que seu direito é tão lato como o de Deos, unico juiz supremo de todas as nossas accões. Assim eis os homens que dizeis gozarem no estado natural de plena igualdade exercendo uns sobre as accões dos outros um direito que no estado de sociedade recusamos a qualquer poder humano. O que seria da vossa preconizada igualdade natural com esta jurisdicção terrivel do homem sobre o homem? Seria uma chimera. Se a quizessem realisar, dar-se-hia a guerra continuada, filha da constante revolta do culpado que em razão de sua igualdade, não reconheceria no julgador a autoridade que só o habilitaria para impor-lhe penas e que o viria reduzir a esse estado de inferioridade para elle inadmissivel. Alem d'isto todos sabemos como a fraqueza de nossa razão difficil torna o bom exercicio da limitada justiça social, pelos tribunaes muito mais esclarecidos que os individuos: como pois dar-se a estes o exercicio de uma justiça illimitada que só a Deos competir pode? Clama-se contra os erros da justiça dirigida pela alta intelligencia social e dá-se ao homem n'esse estado, em que Rousseau o chama animal estúpido e acanhado, um poder muito mais amplo! Não, não póde ter um direito aquelle, a cujas faculdades é impossivel exercital-o. Prosigamos. Se os homens possuião esse direito e se entrando para a sociedade cederão todos os seus inteira ou parcialmente, é claro que o mesmo se deu com o de punir. No primeiro caso, naquelle em que o tivesse cedido totalmente iriamos admittir o que todos negamos isto é, que a acção da justiça social se attende á punição de toda e qualquer infracção. Não teriamos argumentos com que combater as exorbitancias e barbaridades inquisitoriaes e dos mais tribunaes. Não nos seria licito sustentar a sancta liberdade da consciencia e do pensamento. Galileo, Vanini não seriam martyres da sciencia, mais verdadeiros culpados. O espião seria um nobre agente do poder, a dilacão um meio justo, um dever restricto mesmo. Os lamentos e queixas das victimas da tortura, seriam meros signas de fraqueza e não protestos contra a crueldade e injustiça dos tribunaes. No segundo caso —aquelle da cessão parcial do direito de punir, iriamos negar á esses tribunaes o que sempre lhes foi reconhecido—o direito de punir aquelles que infligem um mal a outrem, embora provem que elle praticou uma acção immoral não comprehendida no cathalogo dos delictos legaes. Iríamos dar assim ao individuo, como diz Rossi, o direito de completar a justiça da sociedade por factos individuaes.

Quanto ao dizerem que a cessão feita foi a do direito de nos punir-mos, é manifesto que cahem na confusão do direito com o dever *erga-se* que temos de fugir do mal, nos corrigir-mos e nos aperfeiçoar-mos. Alem d'isto, esta opinião tem levado os seus partidarios ao absurdo de accitarem a pena de morte, condemnando o suicidio.

Eis o pouco que a precipitação em que elaborei este trabalho, me permite dizer sobre este systema que é o de quasi todos os philosophos do seculo XVIII, os quaes seguindo um methodo erroneo, indagavão a origem das cousas antes de conhecer a natureza d'ellas, servindo-se para isto de hypotheses mais ou menos falsas, buscando assim a luz na região das treva, segundo a expressão de um illustre philosopho moderno.

Os outros argumentos produzidos pelos defensores do systema convencional, vêm a dar na confusão do direito de punir com o de defeza, que tentarei refutar no artigo seguinte.

(Continúa.)

S. Paulo 26 de Maio de 1856.

Duque Estrada Teixeira.



## A Redacção do *Guayaná* as Illustres Redacções do *Courrier du Brésil* e *Correio Mercantil*.

*« Faltando a fé e o respeito pela intelligencia, faltando a protecção publica, o escriptor larga a penna, como o lavrador o arado quando trabalha em terreno infertil. »*

(MOCIDADE PROGRESSISTA DO RIO DE JANEIRO PELO SR. JOSÉ MARMOL.)

A verdade não é uma chimera, a sciencia uma mentira, e as letras uma vã occupação.

O mais nobre apanagio, com que Deos enriqueceo a natureza humana, aquelle que engrandece o homem á seus proprios olhos e o faz de algum modo esquecer a imperfeição, que o liga á terra—é a intelligencia.

E' ella, que nos liberta da materia, e nos eleva ás sublimes regiões do bello e do verdadeiro.

Em todos os tempos e por toda a parte a intelligencia tem curvado todas as fronte e merecido cultos. Todas as nações lhe erigem altares, e ella atravessa os tempos circundada do respeito da veneração, e do esplendor da gloria—abrindo um sulco luminoso a través de todas as idades. Do alto de seu solio ella arranca do pó do nada, e glorifica os que se votão ao seu culto, e accetão o sacerdocio, que ella confere; e as Nações respeitão e sanccionão essa gloria—esperando, que a posteridade venha mais tarde deferir-lhe a corôa da immortalidade.

Em nosso Paiz porem o espirito publico não emancipou-se ainda da tutela da ignorancia e do materialismo para dar ás elocubrações do pensamento, e ás vigílias fadigas do estudo o lugar que lhe compete: o sol da intelligencia não ergueo-se ainda no horisonte para aviventar nossas forças, e nos fazer seguir animados, pela vereda escabrosa da verdade. Um sceptico indifferentismo que percorre como o veneno todas as veias do corpo social, destruiu todas as convicções, apagou todas as crenças. A intelligencia é uma entidade proscripta, escarnecida por aquelles, que não comprehendem os oraculos, que ella proclama. Longe de ser um sacerdocio, que infunda veneração, ella é o thema constante dos sarcasmos dos homens positivos, para os quaes as idéas tem o peso do interesse material. Planta infeliz atirada entre fraguêdos—ella desfinha tristemente, como á mingoa de provisão amortece a pallida luz.

Não ha em nosso Paiz animação para as letras, e ai! d'aquelle que sente arder-lhe no peito o fogo da sciencia! Uma producção qualquer da mocidade, que denuncia apenas o nobre exforço da intelligencia, demandando os mundos da verdade, e que ensaia apenas suas tenues azas para depois affrontar a immensidade das sciencias, —uma publicação qualquer entre nós é sempre saudada com o sorriso motejador da indifferença, e o pensamento corre foragido á abrigar-se nas regiões da intelligencia—do contacto frio e mortifero do mundo.

Qual não seria pois nossa agradavel surpresa ao deparar-mos no *Courrier du Brésil* algumas columnas consagradas ao nosso *Guayaná* e uma menção honrosa no *Correio Mercantil*? Qual não seria o nosso jubilo ao sermos acolhidos por um antigo sacerdote da mesma crença, que como nós se votou ao mesmo culto? Como furtar nossos corações ás doces expansões da alegria, quando á nosso encontro sabe em nosso peregrinar um lidador amestrado, que nos estende a mão, nos sostém os vacillantes passos, e nos brada com o accento de uma convicção patriótica:—avante, que o futuro é vosso e a gloria vos espera?

Pois bem: a mocidade do *Guayaná* não sabe desmerecer da vossa bondade, e menos-pagar com criminoso ingratição as honrosas palavras de animação, que lhe dirigis! Ella se sente animada pela força que dá a santidade da causa, que defende, e a grandeza do fim, que a chama; pela fé viva que tem no porvir da patria, ella vos jura, que jamais esquecerá sua nobre missão,



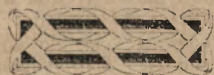
deixando de corresponder á expectação lisonjeira, que n'ella vos servistes depositar! Ella vos jura em nome do seu futuro, que no meio de sua perigri-  
nação ouvirá sempre vossas palavras repetidas pelo entusiasmo, e só terá  
diante de si a intelligencia, a patria, e a liberdade!



### Advertencia.

Em honra e zelo ao talento, declaro que o artigo inserido no 2.º e 3.º  
n.º deste jornal com a epigrafe—*Apontamentos sobre a pena de morte*—por  
Felix da Cunha, não partio senão do desejo que tenho de ver esta pena quanto  
antes abolida da nossa legislação penal. O seu auctor, remettendo-o por pedido  
meu, não teve a intenção de ver publicado—mas eu fiado na generosidade e  
amizade que delle mereço o fiz para o publico ter mais uma occasião de admi-  
rar um talento que não hade morrer nas trevas e que já na mocidade se entre-  
ga a estudos serios, somente com o desejo de bem servir a seu paiz, ao povo e a  
humanidade! Portanto se alguma censura puderdes fazer a esse escripto, e a  
mim por tel-o publicado—tomo-a sobre mim; porquanto no escripto  
o seu auctor não teve em vista senão tirar apontamentos dos diversos crimina-  
listas e publicistas que consultou, e eu o desejo de apontar aos meus collegas  
uma questão grande e humanitaria para que para ahi voltem as suas intelligen-  
cias afim de que um dia possamos como Lamartine dizer, hoje me encho de  
jubilo por ver mais um cadafalso derribado. Praza aos céos que os desejos do  
seu auctor sejam cumpridos, e que a sua fronte seja loureada com mais esta  
ma nãscida de uma alma livre e um coração virtuoso!

*Tamandaré.*



## POESIAS.

### A MALDIÇÃO DO VATE.

*Brise toi dans mes mains, lyre à jamais funeste.*

(LAMARTINE).

A tarde somnolenta extrebuchava  
Em roxas cintas de afumado crepe;  
E a saphira mareada  
Palida esmorecia.

Pouco e pouco rodando pela abobada  
Se desata o trovão, armado em fogo,  
E nos élos da chuva  
Rebrama estrepitose.

E o sol, se abroquelando na mortalha,  
Com que a noite o envolve, s'embalança  
No regaço das ondas  
Entre fitas de fogo.

-----  
No teso de montanha assoberbada  
—Dous vultos—atalaias de um abysmo  
Impavidos se ostentam  
—Quaes estatuas de pedra.

Um mancebo—na flor da mocidade—  
Assim falla á donzella—que sorrindo  
Affronta os elementos  
Em douda convulsão.

-----  
VATE.

Vem, mimosa donzella, foge ao raio  
Que murcha tão depressa a flor do valle!  
Te protesto o amor todo  
De um coração ardente—que dos vícios  
Não turpou-se no lodo.

DONZELLA.

Não te creio:—és mentiroso;  
Tuas phrases são fingidas;  
—E's poeta; e o que dizes,  
São formas sempre mentidas.

Vives de amar as estrellas  
No veu da noite bordadas;  
Ou as imagens d'aurora  
Pelo espaço desenhadas.

Amas tambem a montanha,  
A rocha no alto mar;  
Amas a flor do sepulchro  
Sobre a Cruz a palejar.

Amas a serra pedrenta  
Lascada pelo tufão;  
Amas o lago de prata;  
Amas a voz do trovão.

Como a braza, envolta em cinzas  
Teu amor é mentiroso;  
—E's poeta!—não te creio  
Teu mundo é todo enganoso.

VATE.

Como te enganas, louca!—que não sabes  
Que o amor do poeta é chama viva  
Que desvaira a rasão!  
Incendio d'alma, vibora mordente  
Que gasta o coração!

Que importa—ame o poeta a flor do mato,  
É o humido valle, e o descantar das aves  
E o turgido pegão?  
Se su'alma compr'ende uma só nota,  
Seu peito—uma emoção?

DONZELLA.

Não te quero—és desgraçado;  
Todos poetas o são:  
Quebra tua lyra doirada  
Se queres meu coração.

Na friez d'atra masmorra  
Gemeu Tasso entristecido:  
Camões—o poeta eximio—  
Morreu de fome e banido.

Chenier no cadafalso  
Quebrou as cordas da lira;  
É na encherga da miseria  
Gilbert, morrendo, suspira.

De Byron astroso fado  
Não t'o quero revelar;  
E's desgraçado—poeta—  
Não tens um peito p'ra amar.

VATE,

Que mais queres, donzella?—Dos meus versos  
Serás a musa:—o cirio de minh'alma,  
—O ceu d'estrellas lindas!  
Nos meus sonhos doirados—vaga nuvem  
D'essas mansões infindas!

O peito do poeta é como um templo  
Onde labios de virgem não profanam  
A mystica oração:  
D'entro d'elle está Deus—de atheus não visto  
Só o avista o christão!!

Dá-lhe culto do ceu—devoto crente—  
Contrico ajoelhado aos pés da virgem  
Que brilha á luz dos cirios!  
Quecuma-lhe incensos, se prosterna humilde  
E perfuma-lhe os lirios.

Que mais queres, mulher?

DONZELLA.

Nada.

VATE.

Vê meus ais, minha afflicção.

DONZELLA.

Que m'importa o teu amor. . . .  
Que m'importa essa paixão?

VATE.

—Olha a chuva, que rebenta...  
Vem á meus braços...

DONZELLA.

—Jamais!  
Embora o raio braveje  
Entre chamas infernaes.

Despreso homens — que se nutrem  
De chimeras e de sonhos;  
Hoje rindo á sombras negras,  
Amanhã aos ceus risinhos.

N'aquelle abysmo que ronca,  
Eu prefiro despenhar;  
E nas suas agoas torvas  
Meu cadaver atirar.

-----  
Nas faces do mancebo translusiram  
As cores vivas do despeito acerbo;  
E co'amargo desdem assim prosegue.

-----  
E que importa ao poeta esse fogo  
Que se atêa nos vermes da terra;  
Se seu peito é mimoso saerario  
Onde o ceu suas crenças encerra?

Rastreando no lodo dos vicios,  
Conspurado esse amor de donzella;  
Não merece a mulher — de um poeta  
Essa chama — que luz — como estrella!

E' do ceu entre nuvens, que desce  
Esse nume de origem tão sancta!  
Remontar á esses plainos da gloria,  
—Elle só — que na lira descanta.

Elle só que amar pode as boninas,  
E da encosta o loureiro frondoso;  
E nas matas tão cheias de vida,  
Da rolinha o gemido saudoso.

Elle só que amar pode as estrellas,  
E do ether subtil transparencia;  
Confundir nunca deve, da virgem  
Torpe amor — com amor de innocencia!

Vae, mulher, corre, corre, apoz queda,  
Nos alcouces do vicio escalfar-te;  
—Maldições de um poeta são chamas  
Mas não quero no fogo abrasar-te.

Um corisco brillou da cor do enchofre,  
Iluminando o alto da montanha,  
E um surdo trovão—audaz bramindo—  
N'um suspiro da virgem se perdera.

A predição do vate foi cumprida!  
Ao clarão infernal do fogo ethereo  
Viu-se a virgem, rolando té o abysmo,  
—Como flor que do talo desprendida,  
A' descripção dos ventos, remoinha.

Nos labios do poeta amargo riso  
A gum tempo pairou. . .

—Absorto, estatico

N'essa euthymia feliz da consciencia  
Apenas murmurou—*fatalidade!*  
É as cordas de sua lira rebentando  
—Uma por uma—as atirou no harathro. . .  
E mais nunca se ouviu seu terno canto.

Lindorf E. F. França.



A poesia que abaixo transcrevemos é producção de um talento verdadeiramente poetico. O seu autor—conterraneo do nosso distincto poeta o Sr. G. Dias—revela instincto nacional em todas as suas composições lyricas: é um genio brasileiro, alimentado nas bellezas e glorias da Patria.

Possa nunca o jovem poeta arrefecer o seu genio, dando-nos assim mais uma luz para a litteratura do nosso Paiz.

### A ILHA DO MARANHÃO.

*L'homme cherit les lieux de son enfance,  
Mais, moi, je veux par raison et par gout,  
Vivre et mourir aux lieux de ma naissance;  
Je suis Français, mon pays avant tout.*

(BERANGER).

Virão-na outr'ora orgulhosa  
No mobil leito a dormir,  
Do somno seu desdenhosa  
Fulgentes olhos abrir:  
Tinha fê nos probos filhos  
Que todos de gloria e brilhos  
Cobertos, ornados são:  
Fiou-se de mais na sorte;  
Vergaram-lhe o nobre porte  
Qual fuste de encontro ao chão!

Pendia altiva a cabeça  
Nos coxins que o mar lhe deu:  
Compaixão, ninguem lhe peça  
Se o seu remanso offendeu!  
Reclinava o corpo n'agoa  
Que na branda e doce magoa  
Vinha-lhe o corpo embalar,  
Como a captiva chorosa  
Embala o filho estremosa  
Cantando o triste cantar.

Ornavam-lhe a larga cinta  
Escamas d'ouro a luzir  
Como nos quadros se pinta  
Infeite louro de Ophir:  
Parece a cota de malha  
Do Christão que na batalha  
De sangue incréu se fartou:  
Que tremula o estandarte  
Soberbo por toda a parte  
Do solo no qual pisou.

Gentil e bella mirando  
Eras a forma sem par,  
Louca a descuido boiando  
Por sobre o imperio do mar:  
Destoucada e quasi nua  
Com desalinho fluctua  
No fraco e molle vaivem,  
Fingindo leve capricho  
Ora vago, outr'ora fixo  
De virgem que amores tem.

Se ardia em sede de gloria  
Bastava paginas ler,  
Onde os homens por memoria  
Foram—brios—escrever.  
Quando pedía riquezas  
Traziam logo grandezas  
Como a ninguem se conduz:  
Então brilhavam-lhe os olhos,  
Assim no meio de escolhos  
Faisca da onda reluz.

A fama do seu thesouro  
A' velha Europa chegou;  
Corre presto ao pomo d'ouro  
Quem seu fructo cubiçou.  
Vieram fortes galeras  
Pejadas de gentes feras  
Do ruim solo Hollandez:  
Chegaram tropas luzidas,  
—Mil cohortes destemidas,  
La das terras do Francez.

Travou-se lucta sangrenta  
Entre os que morte se dão,  
Cada qual o ardor sustenta  
Qu'rendo agarrar-se ao torrão.  
Mas vence quem se defende  
Dos laços que outrem lh'estende  
Para tomar o que é seu!  
Por fim termina-se a briga,  
Fugindo a turba inimiga  
Que mais de um bravo perdeu.

Quizeram tornar-te escrava,  
Loucuras de quem o quiz!  
Não curva a novilha brava  
Ao ferreo conto a cerviz:  
De raiva a boca lh'escuma  
E cega as pontas arruma  
Contra os que a vêm incitar:  
Nos flancos a cauda agoita  
Ficando raivosa, affloita  
Sem mais ver nem enxergar.

Mas disse tudo o que resta?  
Gloria que o tempo desfiez!  
Flor vicejando na festa  
Ressequida da outra vez.  
Alegres sons d'instrumento  
Que sobem na aza do vento  
Indo nos ceos se expandir:  
Rosa de face corada  
Pouco e pouco desmaiada  
Que não mais pôde florir!

Hoje és tu galho lascado  
Do tronco que firme está:  
E's qual menino engeitado,  
Ninguem sustento lhe dá.  
Tombaste como um arbusto  
Do qual cortaram sem custo  
Folhas, fructos e raiz!  
Coitada! não te enraiveces,  
Soffridos males esqueces,  
Dormes no pobre tapiz!

Perdeu a noiva os enfeites,  
Perfumes perdeu a flor:  
Onde o prazer, os deleites,  
Vida de sonhos, de amor?!So te resta agora a lua  
Que tão brilhante fluctua  
No teu ceu de puro azul;  
Embora o luxo, a riqueza  
Corra involta na grandeza  
Pelas cidades do Sul!

Resta o cantar das morenas  
Virgens que o ceu te fadou,  
Que sempre em noites serenas  
Quem por la vive escudou:  
Resta o filho que te adora,  
Que o teu passado memora  
Rogando melhor porvir:  
Que em tua frente abatida  
Grinalda em viço, florida,  
Depositall-a ha de vir!



## O MEU IDEAL.

Ao Dr. H. Graça.

### I.

Balsamica visão com fôrmas virgens  
Eu a vi, oh! meu Deus. . . era divina!  
Subtil, aerea, como sons que escapam  
De uma harpa de anjo que harmonia afina.

Era como de amor um vago sonho,  
Que á noite a mente do poeta cria,  
Quando pallida lua em tardo gyro  
Vem nas aguas formar viva ardentia.

Era como a açucena ouvindo leda  
Os doces cantos de amorosa brisa,  
Como a aurora brilhante, ou como a aragem,  
Que meiga á flor do lago se deslisa.

Era um anjo talvez! nas lindas faces  
Mimos, bellezas, divinas pallores  
Moram casados com o pudor de virgem  
Qu'inda innocente sonha os seus amores!

Era um anjo talvez! mas em seu peito  
Batia um coração com fogo e vida . . .  
E a doce phrase que me dice o anjo  
Dos labios de meu Deus fôra colhida!

### II.

Eu pobre bardo descrente,  
Que de ha muito a fé perdi,  
Ouvindo o anjo innocente  
Nova crença concebi.  
Ensaiei na terna lyra  
A canção de quem suspira  
Por um bem todo ideal;  
Tornei-me bardo deveras  
Como ninguem n'outras eras  
Assim fôra tão leal.

Fiz comigo um voto eterno,  
Que hei de constante guardar  
No fogo do peito—interno  
Onde jurei só de amar;  
E' voto de castidade  
Feito aos pés da divindade  
Por amor de um serafim,  
E' sincera e doce crença  
Como a paixão grande immensa,  
Como um futuro sem fim.

Jurei amal-a na vida  
Como na morte tambem.  
Com toda a fé promettida,  
Que em meu peito se contém.  
Adorar seu pensamento  
Bem como volteja o vento  
Nos soltos cabellos seus;  
Surrir-me quando surrindo  
Vir seus labios se entre-abrindo  
A fallar cousas dos céos.

Assim pois quero captivo  
Viver somente de amor,  
Que sem amores não vivo,  
Porque não vive o cantor!  
Embora escravo me odeiem  
Esses que um anjo não crêem  
Na virgem bella que eu vi;  
Embora. . . desprezo o mundo,  
Que novo affecto profundo  
No meu peito ja senti.

III.

Quando eu a vejo no romper d'aurora  
Reclinada em coxins de nuvem d'ouro,  
Eu temo pallido não me escape o anjo,  
Meu celeste thesouro.

E vejo-a bella como a Virgem Sancta  
Ouvindo os hymnos da mansão siderca,  
De riso e flores adornada a fronte,  
Em ambiente de amor vagando aerea.

Tambem à noite quando durmo ou vèlo  
Em sonhos juncto a mim triste, saudosa  
Estrella peregrina vem fadar-me  
Esperança amorosa,

Ah! deixa, ó virgem, deixa ao pobre amante  
Sonhar nos olhos teus a l'licidade;  
E junctos braço a braço com a ventura  
Voemos a viver na eternidade!

*F. L. Bittencourt Sampaio.*



S. PAULO. 1836

